

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
COLEGIADO DO CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**HENRIQUE AZEVÊDO CARVALHO**

**SERVIÇOS DE SAÚDE E DINÂMICA ECONÔMICA EM VITÓRIA  
DA CONQUISTA: UM ESTUDO DOS IMPACTOS ECONÔMICOS  
DA PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS DE SAÚDE PARA A  
MESORREGIÃO CENTRO-SUL DA BAHIA.**

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2013

**HENRIQUE AZEVÊDO CARVALHO**

**SERVIÇOS DE SAÚDE E DINÂMICA ECONÔMICA EM VITÓRIA  
DA CONQUISTA: UM ESTUDO DOS IMPACTOS ECONÔMICOS  
DA PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS DE SAÚDE PARA A  
MESORREGIÃO CENTRO-SUL DA BAHIA.**

Trabalho monográfico apresentado ao curso de Ciências Econômicas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito para aprovação na disciplina Monografia II e obtenção do grau de Bacharel em Ciências Econômicas.

**ORIENTADOR: PROF. MSC. RONDINALDO SILVA DAS ALMAS**

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2013

C323s      Carvalho, Henrique Azevêdo.  
              Serviços de saúde e sua dinâmica econômica em Vitória da  
              Conquista. Um estudo dos impactos econômicos da prestação dos  
serviços de saúde para a mesorregião centro-sul da Bahia. / Mayane  
Vieira Santana, 2013.  
              75f.: il.: Color.  
              Orientador (a): Rondinaldo Silva das Almas.  
              Trabalho de Conclusão de Curso (graduação),  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória  
da Conquista, 2013.  
              Referências: f.66-70.  
              1. Desenvolvimento regional - Serviços de Saúde –  
Vitória da Conquista-BA. I. Almas, Rondinaldo Silva. II.  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. III.T.

**HENRIQUE AZEVÊDO CARVALHO**

**SERVIÇOS DE SAÚDE E SUA DINÂMICA ECONÔMICA EM  
VITÓRIA DA CONQUISTA. Um estudo dos impactos econômicos da  
prestação de serviços de saúde para a mesorregião Centro-Sul da  
Bahia.**

Trabalho monográfico apresentado ao curso de ciências econômicas da universidade estadual do sudoeste da Bahia, como requisito para aprovação na disciplina monografia II e obtenção do grau de bacharel em ciências econômicas.

Aprovada em 03/09/2013

**BANCA EXAMINADORA**

---

Rondinaldo Silva das Almas

Orientador

---

Darci Rodrigues Alves

Examinador

---

Marco Antônio Araújo Longuinhos

Examinador

## AGRADECIMENTOS

Nestes pouco mais de cinco anos muitas coisas aconteceram, muitos sonhos, planos e conquistas aconteceram e ficaram para trás, mas o mais importante aconteceu, nos momentos em que foram necessários, tomei a escolha de continuar e galgar este caminho árduo, mas engrandecedor.

O primeiro agradecimento vai Àquele que permitiu que tudo isto acontecesse, o Pai Celeste, que nos momentos mais difíceis meu deu força, foco e fé para continuar.

Em tempo menciono a pessoa de maior importância em minha vida, que abdicou de suas vontades para me dar a criação que fizessem com que eu me tornasse o homem que sou hoje, honrado, honesto e de bem. Sem a minha mãe esta conquista não seria alcançada.

O estender da minha família, nas pessoas de minha irmã, minha tia (Kika), minha prima (Amanda) e minha Madrinha, assim como os meus demais familiares maternos e paternos, entre avós, tios e primos.

Estes agradecimentos também se estendem à minha companheira/namorada/amiga (Sabrina), que tem sido o meu norte e força nestes momentos conturbados do fim da graduação, sendo esta a pessoa com a qual eu projeto todo o meu futuro, e que será a minha companhia até o fim de minha vida.

Agradeço aos membros de toda Família Maçônica, que contribuíram, e muito, na formação do meu caráter, em especial aos irmãos da Loja Maçônica Razão e Força, assim também como todos os membros da Ordem DeMolay, em especial do Capítulo Conquistense, em nome dos irmãos Jeferson Farias e Ricardo Pereira, que tive o prazer de conviver nestes mais de 11 anos, desde que nela adentrei.

Aos meus amigos, que sempre tiveram ao meu lado desde que me entendo por gente, em nome de Juliano e Milena.

Agradeço também a todos aos docentes que me guiaram em toda a graduação em nome do meu orientador Rondinaldo, que sempre me mostrou a importância da ciência que estudamos, e que pôde dividir o seu conhecimento comigo para que eu finalizasse este trabalho de conclusão de curso. Aproveito para registrar também meu agradecimento à duas pessoas que tiveram papel fundamental para que eu me motivasse, servindo como exemplos que levarei comigo para sempre, que são eles os professores e amigos Gustavo Pessoti e Thobias Silva.

Estes agradecimentos não estariam completos se eu não externasse àqueles que tornaram todo este caminhar mais fácil, e que nos momentos em que pensei em desistir, me deram a força que eu precisava para continuar. Primeiramente àquelas amigas que entraram na graduação comigo e foram as minhas primeiras companhias nesta jornada, Nágilla, Fernanda Ana Cristina e também a Sandrinha, amizade que com certeza se estenderá (como já é) fora dos meios acadêmicos.

E merecendo o destaque que os cabem, externo aqui todo o meu agradecimento à turma que me acolheu de coração, desde o terceiro semestre, e que lá continuei até o findar da graduação. Minha querida turma ímpar 2008/1. Agradeço TODOS vocês, que me motivaram e faziam com que eu tivesse vontade de ir toda noite para a UESB, criando um vínculo que vai se estender por anos e anos.

Agora falando daqueles que foram meus amigos (melhores melhores amigos), parceiros, equipes de apresentações e confidentes, e tudo que eu precisei nestes anos, Winnie (Jovem) e Thiago (Thiaguinho). Palavras não são o suficiente para descrever tudo o que sinto, então passarei a eternidade os agradecendo por tudo.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> – Mesorregião do Centro-Sul Baiano.....	50
<b>Gráfico 1</b> – Atendimentos SUS em Vitória da Conquista.....	52
<b>Gráfico 2</b> – Classificação Brasileira de Ocupação.....	55
<b>Gráfico 3</b> – Classificação Nacional de Atividades Econômica.....	55
<b>Gráfico 4</b> - Composição do PIB municipal em 2009.....	62
<b>Gráfico 5</b> – Classificação Nacional de Atividades Econômicas / (Sessão de Atividade Econômica / Resultado em Profissionais).....	62

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> – Profissionais (Serviços/Saúde) / Mesorregião Centro-Sul.....	53
<b>Tabela 2</b> – Estabelecimentos de Saúde / Mesorregião Centro-Sul.....	54
<b>Tabela 3</b> - Cursos de Graduação e Pós-Graduação em Vitória da Conquista (Área de Saúde).....	56
<b>Tabela 4</b> – PIB Municipal / Mesorregião Centro-Sul.....	57
<b>Tabela 5</b> – Índice de Terciarização / Mesorregião Centro-Sul.....	58
<b>Tabela 6</b> – PIB Convertido / Mesorregião Centro-Sul.....	59
<b>Tabela 7</b> – Índice de Terciarização Ajustado / Mesorregião Centro-Sul.....	60
<b>Tabela 8</b> – QL do Setor de Serviços / Mesorregião Centro-Sul.....	65

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

**CAGED** – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados

**CBO** – Classificação Brasileira de Ocupações

**CIB** – Comissões Intergestores Bipartite

**CIT** – Comissão Intergestores Tripartite

**CNAE** – Classificação Nacional de Atividades Econômicas

**CNES** – Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde

**CNS** – Conselho Nacional de Saúde

**IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**KIBS** – Knowledge Intensive Business Services

**MTE** – Ministério do Emprego e Trabalho

**NOB** – Norma Operacional Básica

**P&D** – Pesquisa e Desenvolvimento

**PIB** – Produto Interno Bruto

**PNB** – Produto Nacional Bruto

**RAIS** – Relação Anual de Informações Sociais

**REGIC** – Regiões de Influência das Cidades

**SEI** – Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia

**SIC** – Serviços Intensivos em Conhecimento

**SUS** – Sistema Único de Saúde

## RESUMO

O presente trabalho apresenta teorias concernentes ao desenvolvimento e crescimento regional, lugares centrais, polos de crescimento dentre outros conceitos sobre espaços geográficos de Schumpeter, Perreoux e Myrdal. São apresentadas também fundamentos acerca dos setores da economia sob a ótica do pensamento Mercantilista e Fisiocrata, os Clássicos, os Neoclássicos, além dos pensamentos das correntes Marxista e Keynesiana, tudo isto para introduzir a participação do setor terciário na economia de uma nação. Com esta contextualização histórica, são abordados conceitos sobre o setor de serviços, e os serviços de saúde, com a sua relevância, dentre os demais setores de uma economia. Tendo a parte introdutória conceitual e teórica apresentada, é inserido o município de Vitória da Conquista, no estado da Bahia, com uma exposição histórica e geográfica de formação do mesmo, além de serem apresentados elementos que expressam a relevância de se analisar o setor de serviços neste município. São utilizados índices que mostram a importância do setor de serviços para a economia local, sendo eles o Índice de Terciarização e o Quociente Locacional, assim como dos maiores municípios das microrregiões que compõem a mesorregião centro-sul baiana. Tais dados expressam a realidade do papel do setor de serviços no município foco da análise e dos demais utilizados como comparação. Tornando assim, após todas estas apresentações a comprovação se Vitória da Conquista é ou não um pólo de serviços e para quais regiões ou municípios esta máxima pode valer.

**Palavras-Chaves:** Desenvolvimento e Crescimento Regional. Setor de Serviços. Serviços de Saúde.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>CAPÍTULO 1 CRESCIMENTO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL.....</b>	<b>15</b>
<b>1.1 Crescimento e Desenvolvimento.....</b>	<b>15</b>
<b>1.2 Abordagens teóricas regionais e urbanas .....</b>	<b>16</b>
1.2.1 <i>Teoria dos lugares centrais.....</i>	16
1.2.2 <i>Os polos de crescimento/desenvolvimento.....</i>	19
1.2.3 <i>Crescimento e desenvolvimento regional em hirschman, north, tiebeout e myrdal.....</i>	24
<b>CAPÍTULO 2 O SETOR DE SERVIÇOS.....</b>	<b>29</b>
<b>2.1 Os Setores da Economia.....</b>	<b>29</b>
<b>2.2 Evolução do pensamento econômico e os setores da economia.....</b>	<b>30</b>
2.2.1 <i>Pensamento mercantilista e fisiocrata.....</i>	30
2.2.2 <i>Pensamento clássico.....</i>	32
2.2.3 <i>Pensamento marxista.....</i>	35
2.2.4 <i>Pensamento neoclássico.....</i>	37
2.2.5 <i>Pensamento keynesiano.....</i>	39
<b>2.3 O Setor de Serviços.....</b>	<b>41</b>
<b>2.4 Os Serviços de Saúde .....</b>	<b>44</b>
<b>CAPÍTULO 3 OS SERVIÇOS DE SAÚDE EM VITÓRIA DA CONQUISTA.....</b>	<b>47</b>
<b>3.1 História do Município.....</b>	<b>47</b>
<b>3.2 Apresentação geográfica e territorial.....</b>	<b>49</b>
3.2.1 <i>Particularidades dos serviços de saúde em Vitória da Conquista.....</i>	51
3.2.2 <i>Índice de terciarização, pib local convertido e índice de terciarização ajustado.....</i>	56
<b>3.3 O setor de serviços de saúde em Vitória da Conquista.....</b>	<b>61</b>
3.3.1 <i>Municipalização da Saúde.....</i>	63

**3.4 Análise dos dados a partir do Quociente Locacional.....64**

**CONSIDERAÇÕES FINAIS.....66**

**REFERÊNCIAS.....69**

## INTRODUÇÃO

Existe na esfera acadêmica, no campo da economia regional, a discussão de como são formados os polos de crescimento, sejam associados a qualquer setor da economia. Toda esta discussão se finda quando teóricos esclarecem este questionamento, que pode ser resumido, apenas na afirmação de que uma cidade ou região para ser designada como sendo um polo, a mesma deve apresentar uma profunda ligação entre a produção de determinado bem, como por exemplo, o município de Camaçari pode ser considerado como um polo industrial, em se observando a instalação da Ford em seu território, fazendo com que outras indústrias, que produzem bens complementares aos da Ford fossem lá instaladas, como as indústrias de transformação, no segmento de pneu, peças plásticas dentre outras.

A respeito do objeto da presente pesquisa, tem-se como finalidade esclarecer e delimitar conceitualmente, os assuntos que poderão ou não afirmar uma afirmação que é comumente aplicada em discussões informais, onde enquadra o município de Vitória da Conquista, como um polo na prestação de serviços, quer seja comércio, educação, saúde ou qualquer outra atividade que seja enquadrada como pertencente ao setor terciário.

Para isto a primeira parte do trabalho apresenta teorias sobre o crescimento e o desenvolvimento regional, além de teorias que abordem os lugares centrais. Nesta mesma parte, são analisadas as teorias sobre polos, sendo estes indutores para o crescimento e desenvolvimento regional, tendo como base as teorias de Perreoux, Paelinck, Hirschman, North, Tibeout e Myrdal, que trouxeram à tona os conceitos mais aceitos sobre a análise do crescimento e desenvolvimento de uma determinada região.

A segunda parte do presente trabalho traz levantamentos conceituais que demonstram quais são os setores de uma economia. Além disto, são explícitos os posicionamentos das mais relevantes escolas do pensamento econômico, sendo elas, para contextualização, o pensamento Mercantilista e Fisiocrata, trazendo à tona, principalmente, o ponto de vista de François Quesnay, que primeiro conceituou a economia de forma prática, como observamos atualmente. Dando continuidade, é apresentado o pensamento clássico, tendo em Adam Smith o referencial para esta exposição.

Seguindo estas apresentações de escolas de pensamento econômico, a corrente Marxista, através de Karl Marx é devidamente exposta para reflexões. É apresentada também a corrente de pensamento neoclássica, observando os escritos de Alfred Marshall para esta análise e finalizando assim estas apresentações, são apresentadas as ideias basilares do pensamento Keynesiano, através de seu patrono, John Maynard Keynes, que juntamente às demais escolas expostas, visam à contextualização das discussões sobre os setores da economia, iniciando neste momento, um enviesamento ao setor terciário, foco deste trabalho.

Em sequência, e já aprofundando em um dos focos centrais desta pesquisa, são apresentadas teorias concernentes ao setor de serviços, com conceituações, e abordagens que facilitam a contextualização e compreensão acerca deste segmento da economia. Em seguida, aprofundando ainda mais a análise do setor terciário, são expressas delimitações teóricas que apresentam os serviços de saúde como tema basilar desta pesquisa.

Tendo sido feitas todas estas considerações, a terceira parte do trabalho, é utilizada para as delimitações e observações necessárias sobre o município que é objeto central para discussão, Vitória da Conquista, no Estado da Bahia. O levantamento histórico introdutório é feito, apresentando as particularidades que deram destaque a este município. Isto feito, o próximo passo foi apresentar a localização geográfica deste município e dos territórios fronteiriços.

Para uma melhor análise de todos os levantamentos, após as delimitações espaciais e históricas, de forma simplificada é apresentada a faixa temporal de análise da pesquisa e das análises, tendo como continuidade uma explanação sobre o setor de serviços em Vitória da Conquista, utilizando o Índice de Terciarização Ajustada, para demonstrar um baixo ou um relativamente alto índice de terciarização nos municípios analisados, e discutindo, principalmente, os serviços de saúde, que são mais bem apresentadas na sequência em que é relatado um momento importante para este setor, que é a municipalização da saúde, onde mesmo tendo isto ocorrido num momento que não abrange o período analisado do trabalho, é válido fazer as devidas exposições.

Neste momento seguinte reside uma das partes mais relevantes da pesquisa, que mostram através do método do Quociente Locacional e demais observações, que mostram se há ou não uma relevância do setor de serviços na economia de Vitória da Conquista e de outros municípios devidamente apresentados para estas considerações.

Torna-se explícito neste último capítulo o intuito de verificar, através dos métodos locacionais e estatísticos utilizados, a ocorrência ou não de uma polarização em Vitória da Conquista, fruto da prestação dos serviços de saúde, já que o questionamento central desta pesquisa reside em tal ponto.

Na última parte do trabalho são apresentadas as considerações do autor deste trabalho, onde através de todos os levantamentos feitos anteriormente, teóricos e estatísticos, explicitará sua avaliação acerca de tudo apresentado.

# 1 CRESCIMENTO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

## 1.1 Crescimento e Desenvolvimento

Um dos maiores questionamentos no estudo das ciências econômicas é a distinção entre crescimento e desenvolvimento econômico. Sandroni (2008, p. 203), apresenta o seguinte conceito de crescimento:

Aumento da capacidade produtiva da economia e, portanto, da produção de bens e serviços de determinado país ou área econômica. É definido basicamente pelo índice de crescimento anual do Produto Nacional Bruto (PNB) *per capita*. O crescimento de uma economia é indicado ainda pelo índice de crescimento da força de trabalho, pela proporção da receita nacional poupada e investida e pelo grau de aperfeiçoamento tecnológico.

Conforme apresentado pelo autor, apenas o aumento quantitativo num índice econômico pode gerar o crescimento da economia, ou seja, o PNB. Para se compreender o significado de desenvolvimento dentro da economia, uma das melhores fontes a ser consultadas é Schumpeter, sendo este um dos economistas que de forma mais clara abordou este fato (SCHUMPETER 1997, p. 69) que:

[...] o desenvolvimento econômico não é um fenômeno a ser explicado economicamente, mas que a economia em si mesma sem desenvolvimento, é arrastada pelas mudanças do mundo à sua volta, e que as causas e portanto a explicação do desenvolvimento devem ser procuradas fora do grupo dos fatos que são descritos pela teoria econômica. Nem será designado aqui como um processo de desenvolvimento o mero crescimento da economia, demonstrado pelo crescimento da população e da riqueza. Por isso não suscita nenhum fenômeno qualitativamente novo, mas apenas processos de adaptação da mesma espécie que as mudanças nos dados naturais.

Analisando-se esta afirmação, o desenvolvimento econômico trata não apenas de um crescimento nos índices econômicos, como apontados na primeira citação, mas deste fenômeno acompanhado de uma melhoria nos padrões de vida. Conforme a afirmação de Schumpeter, com o desenvolvimento, há uma melhora nas condições de vida do indivíduo.

O crescimento econômico analisa, puramente, aspectos *quantitativos* da economia, assim como suas variações; já o desenvolvimento observa avanços na economia de forma *qualitativa*, analisando não apenas os dados (números), mas sim

progressos em qualidade e incremento nos padrões de vida, recaindo nestas observações o foco teórico do presente trabalho.

As linhas de pensamento abordadas no presente trabalho atenderão aos conceitos inerentes aos dados quantitativos, ou seja, sobre ao crescimento econômico, não deixando de lado concepções sobre o aumento do padrão e qualidade de vida – desenvolvimento econômico – atrelados a este cenário de crescimento.

## 1.2 Abordagens teóricas regionais e urbanas

### 1.2.1 Teoria dos lugares centrais

Dando início às discussões acerca do desenvolvimento econômico de uma região ou localidade, faz-se necessário uma observação quanto a teorias que apresentam e qualificam as regiões.

Por este motivo, é válida a apresentação da teoria do lugar central, que pode ser observado como um lugar que possui um grande fluxo de trocas, de bens e serviços, em uma “área geográfica espacialmente delimitada”, tendo esta passagem bem esclarecida por Lemos et al. (2003, p. 667, grifo dos autores), que dizem que “Nesta acepção, este espaço geográfico, caracterizado por fortes relações de trocas internas e fracas relações externas, denomina-se **região**, em termos estritamente econômicos”.

Tem-se então uma região que apresenta as vantagens econômicas suficientes para prestar bens e serviços de forma intensa para que esta mesma região cresça e se desenvolva. Sobre esta análise, algumas considerações se fazem necessárias para melhor apresentar e reforçar esta afirmação, como por exemplo os escritos de August Lösch (1954) citados por Crocco, Ruiz e Cavalcante, (2008, p. 7). Estes afirmavam que a análise de Lösch:

[...] propicia a conformação de áreas de demandas, geradas como resultado da interação entre os custos de transporte e maximização dos lucros das firmas, provocando a existência de áreas limites que são vizinhas a outras áreas de demanda e conjuntamente apresentam uma hierarquia conforme a oferta de serviços e a abrangência da demanda por esses serviços. Nesse ponto estabelece naturalmente uma hierarquia de regiões centrais e seus entornos, com centros de maior e menor influência dentro do território.

Esta afirmação leva em consideração que as análises feitas anteriormente à Lösch analisavam que estas concentrações urbanas - ou como tratado por ele como as 'áreas de mercado' - ocorriam em decorrência de características locais, como "a presença de um depósito mineral ou alguma especialização da força de trabalho localizada." (CROCCO; RUIZ; CAVALCANTE, 2008, p. 7).

Trazendo esta característica para o foco do presente trabalho, que é apresentar a relevância dos serviços de saúde, para a dinâmica econômica de uma região, pode ser analisado sob a ótica da quantidade de postos de trabalho nesta dada localidade, e este fato ser diretamente associado aos serviços.

Vemos em Lemos et al. (2003, p. 668) que "A teoria do lugar central, vista sob esse aspecto, enseja claramente uma concepção de 'área de trabalho', a ser polarizada pelo centro urbano de maior população e densidade na oferta de serviços.", mostrando assim a possibilidade de ocorrência de um lugar central quando há, tanto uma demanda quanto oferta consideravelmente alta destes serviços.

Continuando nesta mesma análise de desenvolvimento regional, a obra de Walter Christaller, trata sobre a centralidade dos lugares. O sistema urbano proposto por este geógrafo alemão:

É baseado em dois pressupostos: 1) a necessidade de que se uma função com uma área de mercado dada for abastecida por um centro particular, este centro também abastecerá todas as funções que tenham áreas de mercado iguais ou menores; 2) e a existência de um fator constante  $k$  de crescimento do tamanho da área de mercado. (CROCCO, RUIZ; CAVALCANTE, 2008, p. 8)

Esta conceituação torna possível identificar a ideia de que uma região, quando abundante em determinados bens ou serviços, exerce uma função importante para as regiões circunvizinhas que não possuem estes mesmos recursos, atuando como centros que permitem estas localidades não detentoras destes meios, usufruírem de algumas benesses econômicas proporcionadas por esta proximidade geográfica.

Sobre esta relevância na formação dos lugares centrais Lemos et al.(2003, p. 669, grifo do autor) argumentam que:

Ao adquirir um determinado porte, esse lugar de maior densidade urbana tende a se constituir em **centro de consumo coletivo**, que tende a atrair um fluxo de pessoas se deslocando até ele em busca de atividades especializadas não exportáveis, dadas as suas características de intransportabilidade. Esse fluxo de pessoas origina-se de lugares de menor escala urbana, que constituem as áreas de influência ou entorno do **lugar central**. Por causa de sua estrutura produtiva, estas áreas urbanas, ou regiões, são caracterizadas como bases exportadoras.

Resumido nesta passagem, tanto o ponto de vista de Christaller quanto o de Lösch, apontam de forma intrínseca o objetivo deste trabalho, ao ser mencionado o aumento de fluxo de pessoas num determinado 'centro coletivo de consumo', para a formação de um lugar central ou área de mercado, como também de papéis que são associados ao analisar a prestação de serviços, como o fato dos mesmos serem intransportáveis. Sendo assim os indivíduos necessitam ir ao local onde alguns serviços são prestados.

Ainda há a chance de que os prestadores de serviços saiam de lugares menos desenvolvidos, atraídos pelas melhorias econômicas e os salários oferecidos nas regiões mais desenvolvidas, fortalecendo ainda estes lugares centrais e permitindo que estas regiões cresçam e se desenvolvam.

Christaller e Lösch, ainda falam sobre os custos de transporte, que são decisivos quando da opção pela utilização de um determinado bem ou serviço, além das economias de escala. Sobre isso Crocco, Ruiz e Cavalcante (2008, p. 9-10), apontam que:

Partindo desses princípios é que se pode começar a entender, por exemplo, a relação entre urbanização e polarização/aglomeração. É bem sabido que funções relacionadas a turismo, instalações públicas e/ou militares, administração civil etc. têm influência sistemática no processo de urbanização de centros; mas as funções mais importantes, sem dúvida, são aquelas relacionadas ao processo produtivo.

Esta passagem mostra que algumas atividades são as responsáveis para que se forme uma região polarizada, frisando para a importância das atividades associadas aos processos produtivos, sendo que os serviços estão inclusos nestes processos:

O surgimento e crescimento de densidades urbanas permitem o aparecimento de economias externas derivadas de aglomerações, reforçadas pelo desenvolvimento de uma série de atividades ligadas ao setor de serviços, direta e indiretamente complementares à atividade econômica principal da aglomeração. (CROCCO, RUIZ E CAVALCANTE 2008, p. 9)

Pode-se notar, através destas citações, que o surgimento de lugares centrais se deve a fatores que façam com que os mesmos se destaquem regionalmente, sendo por meios naturais ou por atividades que exigem uma mão de obra especializada, presentes estes dois recursos apenas na região em destaque.

Isto fará com que localidades circunvizinhas usufruam dos benefícios advindos das regiões mais desenvolvidas, tirando assim proveito para si e contribuindo para que estas regiões mais desenvolvidas se destaquem ainda mais.

Considera-se também que o aumento do fluxo de pessoas nesses lugares centrais mais desenvolvidos, poderá aumentar a demanda por bens e serviços, tornando o setor terciário mais pujante que os demais.

Com relação à centralidade de determinadas cidades ou regiões, será utilizada a metodologia e conceituação adotada pelo IBGE, na elaboração da REGIC 2007 (Regiões de Influências das Cidades), sendo que esta pesquisa serviu para classificar os centros e redes urbanas, delimitando-as conceitualmente.

Estas hierarquias dos centros urbanos são conceituados em: 1) *Metrópoles* (Grande Metrópole Nacional, Metrópole Nacional e Metrópole) que são compostas por 12 centros urbanos principais, e havendo fortes relacionamentos e até extensa influência entre si; 2) *Capital Regional* (Capital Regional A, Capital Regional B e Capital Regional C) exercendo uma influência regionalmente, sendo estas Capitais Regionais destinos para um conjunto de atividades; 3) *Centro sub-regional* (Centro sub-regional A e Centro sub-regional B) possuindo uma área de atuação mais reduzida que as anteriores; 4) *Centro de zona* (Centro de zona A e Centro de zona B) com uma atuação restrita à sua área limítrofe/imediata; e 5) *Centro local* onde a influência não excede os limites do próprio município, sendo relevante apenas à seus habitantes.

Esta conceituação será utilizada em outro momento do trabalho, quando da afirmação da relevância do município, objeto de estudo, para regiões e cidades circunvizinhas.

### *1.2.2 Os polos de crescimento/desenvolvimento*

O estudo dos polos de crescimento traz a discussão sobre a importância das indústrias para a expansão de uma região para onde uma indústria motriz pode trazer benefícios que levem a localidade em que ela está instalada ao crescimento e ao desenvolvimento. Estas indústrias podem ser instaladas em torno de aglomerações urbanas ou próximas a fontes de matérias-primas.

Dando início a esta discussão, Perroux fala sobre a importância de uma indústria motriz para o crescimento regional. Através da utilização de meios modernos, elas se instalam e podem desencadear o crescimento e desenvolvimento da localidade onde ela está inserida, apresentando a importância regional da instalação desta indústria:

Elas apresentam, durante períodos determinados, taxas de crescimento de seu próprio produto mais elevadas que a taxa média de crescimento do produto industrial e do produto da economia nacional. (PERROUX, 1977, p. 147-148)

Com a colocação de Perroux (1977, p. 148), uma economia externa seria uma indústria depender não apenas de si mesma para atingir o lucro, mas “das vendas e das compras de fatores de outra firma”, sendo que:

Ambas as firmas estão ligadas entre si pelas vendas de bens e serviços e pelas compras no mercado de fatores, e uma vez que estes elementos dependem da técnica e de suas mudanças, estão, também, por elas ligadas. (PERROUX, 1977, p.148)

Onde esta interligação entre as firmas (indústrias), leva ao ponto em que cada uma está disposta a arcar como o nível de preços imposto pela sua ‘concorrente’, e não apenas de forma individual. Este fato mostra dois efeitos relevantes quanto ao entendimento acerca do crescimento:

1º) Mostra como se pode fazer a expansão (a curto prazo) e o crescimento (a longo prazo) de grandes conjuntos de firmas. 2º) Põe em evidência, também, a diferença entre o investimento, cujo volume e cuja natureza são decididos segundo a rentabilidade obtida pela única firma que investe, e o investimento, cujo volume e cuja natureza são ou seriam decididos tendo em conta os lucros e outras vantagens induzidas. (PERROUX, 1977, p.149)

Ainda sobre o fato de o crescimento econômico ser atrelado ao ‘nível’ de industrialização de uma determinada região, o fato de surgirem uma ou mais indústrias, propicia um ambiente “favorável ao crescimento e ao progresso”.

Para haver uma propagação dos efeitos econômicos benéficos, estas indústrias necessitam apresentar uma diferenciação para que estes efeitos sejam destacados no ambiente competitivo em que estão inseridos. Neste contexto, as inovações assumem papel fundamental:

Os fenômenos que ocorrem no funcionamento da economia provocam inovações na estrutura da economia; mais precisamente, mudanças nas características técnicas e econômicas das *funções* suscitam mudanças nas características jurídicas e políticas das *instituições*. Como essas influências não se exercem isoladamente, nem mesmo e principalmente *ex post*, não há nestas ligações *seqüência de sentido único, constantes e necessários*. (PERROUX 1977, p. 151, grifo do autor)

Assim, fica especificado este conceito de inovação, que se torna um diferencial competitivo entre as indústrias instaladas em uma determinada região.

Para que seja mais bem fixada a compreensão do papel das indústrias para o desenvolvimento regional, identifica-se o desempenho de cada uma delas na formação de um polo de industrialização ou de um complexo de indústrias.

Para isto, observa-se a subdivisão de Perroux (1977, p. 152-153-154), sendo que: 1) a *indústria chave* é aquela que tem a propriedade de aumentar as vendas de outra indústria simplesmente por aumentar suas próprias vendas, sendo esta indústria “aquela que introduz na totalidade de um conjunto por exemplo, de uma economia nacional, um acréscimo global de vendas muito maior que o acréscimo de suas próprias vendas; 2) *regime não-concorrencial do complexo*, em que as indústrias, mesmo que em regime oligopolístico, estão ligadas umas às outras, sendo elas fornecedoras e/ou clientes entre si; 3) *aglomeração territorial* que nada mais é que a implantação de indústrias de mesmas atividades ou afins, próximas (especialmente) umas das outras, intensificando assim as atividades neste mesmo segmento “devido à proximidade e aos contatos humanos”.

Seguindo a mesma linha de pensamento apresentada anteriormente, nota-se como fundamental a adução das teorias do desenvolvimento regional polarizado de Jean Paelinck. Este autor contribuiu teoricamente de forma complementar aos escritos de Perroux.

Paelinck (1977, p. 162) diz que a conceituação de seu antecessor tem “um sentido funcional e econômico”, por se tratar de uma “ação espontânea e geograficamente concentrada [...]”, sendo assim uma interpretação “simplista”.

Levando em consideração este ponto de vista, cabe entender em Paelinck (1977, p. 162), que para um polo de crescimento se transformar num fator importante para o desenvolvimento regional, este mesmo polo de crescimento deveria ser:

[...] um tipo de monumento industrial, erigido à glória de uma futura industrialização regional, garantia de um crescimento econômico. Ou ainda, para precisar esta concepção muito pouco estrita, um polo de crescimento seria toda implantação de empresas importantes, de preferência industriais, que exercessem efeitos benéficos sobre o meio geográfico em que se introduzissem.

Além disto, acerca da polarização de uma determinada região, deve-se ater aos seguintes aspectos funcionais desta polarização:

1) um polo de crescimento é ativo quando produz, efetivamente, a expansão de um setor industrial anexo e nele mantém um ritmo crescente de atividade; o polo é somente *potencial*, quando pode produzir efeitos sob certas condições, as quais serão expostas depois. (PAELINCK, 1977, p. 163)

Observando que quando se estabelece uma indústria de uma forma isolada, não ocorre a existência de um polo de crescimento “necessariamente ativo”. E para descrever o último aspecto funcional da polarização, Paelink (1977, p. 164 grifo do autor) afirma que:

2) A complexidade dos fenômenos de polarização fica evidenciada pela possibilidade de se formarem, paralelamente aos polos principais, polos *derivados* e, ainda, polos *laterais*.

Esta passagem afirma o fato de se desenvolverem indústrias próximas ao polo de crescimento, sendo elas do mesmo segmento que esta indústria central.

Além destes aspectos apresentados, como um ponto de fundamental importância para compreensão do crescimento regional e local, Paelinck (1977) também apresenta seu ponto de vista a respeito da *empresa motriz*, que vem a ser uma empresa que tem influência no espaço econômico da região em que está inserida, ficando evidenciado que o seu prestígio é mais dominante nas empresas de sua própria região do que em relações com outras regiões.

Paelinck (1977) também apresentou algumas conceituações que facilitam a compreensão sobre a polarização, principalmente seus três principais “conceitos operacionais da região”. Para isto, ele diz que uma *região homogênea* se dá quando se observa a mesma de uma forma estática ou morfológica, isto é, sem influência exógena direta. Já uma *região polarizada* ocorre quando a demanda e intercâmbio interno de bens e serviços são maiores que a demanda externa (exterior). E para concluir esta compreensão, o autor diz que a *região programa* tem o ‘poder’ de criar novas regiões polarizadas, sendo estas ‘recém-criadas’ com rendimentos econômicos superiores às primeiras, havendo neste último caso, uma influência direta e relevante dos fatores exógenos nestas relações entre regiões.

Como mencionado acima, as contribuições de Paelinck, trouxeram conceituações que até aquele momento não foram demonstrados tão profundamente, nem pelo seu antecessor Perroux.

Dando continuidade à análise dos efeitos da polarização, Paelinck (1977, p. 183-184-185) dizia que havia quatro efeitos que deveriam ser analisados sistematicamente. Sendo estes a 1) *polarização técnica*, que “são condições necessárias (embora não suficientes) do desenvolvimento regional polarizado”; 2) *polarização pelas rendas*, que tem a “função de vários elementos, como a estrutura demográfica, a atração de emprego, sua composição (trabalhos de mulheres, a capacitação técnica, a estrutura financeira das empresas)”; 3) *polarização psicológica*, que ocorre com a existência de “fenômenos de imitação”; “técnicas de informação”; “o conhecimento exato do comportamento dos empresários [...]”; e a “[...] existência de um programa detalhado de crescimento regional [...]”; 4) *polarização geográfica* que vem a ser “[...] a teoria da polarização pode ser combinada, de modo flexível, com a organização regional do espaço, pois não se trata de uma teoria de concentração.”.

Concluindo o posicionamento de Paelinck (1977, p. 188-189), pode-se concluir a teoria da polarização com a ocorrência dos seguintes “elementos de política econômica regional”:

- a) A *polarização técnica* trata sobre um método investigativo para a “maximização dos efeitos induzidos”;
- b) A *mobilização econômica regional*, que é responsável por “classificar todas as potencialidades de desenvolvimento regional”;
- c) A *técnica objetiva de informação regional* abordando a importância dos meios midiáticos que contribuem para o processo de desenvolvimento, fomentando a criação de “documentos administrativos bem concebidos e pelos estudos de informação sobre mercados e possibilidades de produção”, que contribuem para um:
- d) *Programa de desenvolvimento regional* que aborde metas e planos para a ocorrência de um polo potencial de desenvolvimento.

Tanto as abordagens de Perroux quanto de Paelinck, sobre os polos de desenvolvimento, ou simplesmente, os *polos*, dão importância à indústria (setor secundário) como um vetor importante para o desenvolvimento e crescimento regional. O foco do presente trabalho recai sobre o setor terciário. Mesmo assim a explicação viesada pela área industrial aponta uma relevância dos serviços neste desenvolvimento e crescimento regional, pois estes estão atrelados diretamente à produção industrial, tornando esta discussão relevante, e mais amplamente discutida nos próximos tópicos do trabalho.

### 1.2.3 Crescimento e Desenvolvimento Regional em Hirschman, North, Tiebeout e Myrdal

Será objeto de análise a prestação dos serviços de saúde como fator que contribui *ex-ante* e *ex-post* para o progresso, crescimento e desenvolvimento da economia no município de Vitória da Conquista, na Bahia, ora foco da pesquisa empírica e estatística.

Como ponto de partida, será apresentada a ideia de que o crescimento econômico ocorre de forma concentrada espacialmente, e ao redor do centro de onde se inicia este processo. É válido mencionar que em dada região ou localidade que apresenta este fenômeno econômico traz consigo, na contramão, um aspecto negativo, que é a desigualdade entre o local que apresenta este crescimento e os lugares em seu entorno que não podem se beneficiar deste crescimento e/ou desenvolvimento.

Estas localidades não possuem as vantagens competitivas das primeiras, já desenvolvidas, para se apresentarem num cenário comparativo entre as mesmas. Sobre isto, Hirschman (1977, p. 36) diz que:

A necessidade do surgimento de “pontos de crescimento” ou “pólos de crescimento” durante o processo de desenvolvimento significa que as desigualdades internacionais e inter-regionais de crescimento são condição inevitável e concomitante ao próprio processo de crescimento.

Mesmo assim, faz-se necessário esta situação apontada na citação acima, pois em se tratando sobre este acontecimento, Hirschman (1977, p. 36), diz que “um progresso ocorrido em um ponto provoca pressões, tensões e coerções ao crescimento de outros pontos”, onde em algum aspecto ou tempo é salutar, ou negativo, para estas localidades menos desenvolvidas que aja uma polarização, ou região/local mais desenvolvida próxima a si. Isto porque, segundo Hirschman (1977, p. 39):

Não importa quão forte e exagerada seja a preferência espacial dos agentes econômicos, uma vez que o crescimento se fortaleça em parte do território nacional, obviamente, coloca em movimento, certas forças que atuam nas partes restantes.

E como proposto pelo próprio Hirschman pode-se debruçar sobre esta discussão, buscando identificar duas regiões, o “Norte”, que apresenta crescimento, e o “Sul”, que permanece de certa forma ‘estagnada’. Cabe afirmar que Hirschman utilizou os termos “Norte” e “Sul” apenas de forma ilustrativa, sendo que, segundo este autor (1977, p. 40):

O crescimento do Norte causará uma série de repercussões econômicas diretas no Sul, algumas favoráveis, outras adversas. Os efeitos favoráveis consistem de efeitos de fluência do progresso nortista; sem comparação, o mais importante destes efeitos é o aumento das compras e investimentos no Sul, um aumento que certamente ocorrerá se as economias das duas regiões forem complementares. Além disso, o Norte pode absorver parte do desemprego disfarçado do Sul, e assim aumentar a produtividade marginal do trabalho e os níveis de consumo “per capita” do Sul.

Assim esta relação mútua trará benefícios econômicos em cada localidade de uma maneira específica, para ambas as regiões. Esta visão sobre o crescimento e desenvolvimento regional de Hirschman pode ainda ser trabalhada de forma mais esmiuçada, mas o objetivo do presente trabalho é mostrar esta relação que pode levar à pujança econômica em determinada região, com seus efeitos e consequências não apenas para a região em destaque, mas aos concidadãos das regiões que podem usufruir destas ilações.

Ao continuar analisando as teorias aplicadas à economia regional e urbana, os escritos de North são de suma importância. Este autor ao se referir à importância desta análises para se identificar o desenvolvimento de uma dada localidade, diz que:

Tanto a teoria da localização como a teoria do crescimento regional descrevem uma sequência típica dos estágios que as regiões percorrem no curso do seu desenvolvimento. (NORTH, 1977, p. 293)

Um dos estágios importantes para a observação deste desenvolvimento regional (ou local), seria o período em que a economia é movida de modo a prover a sua própria subsistência, sem haver relevantes investimentos ou comércio. Quando algumas melhorias são notadas, esta região demonstra, mesmo que de forma não consistente, o comércio e a especialização num determinado item ou bem. Estas melhorias trarão, num outro passo, uma ascensão do comércio em detrimento da agricultura, possibilitado uma migração entre estas culturas, sendo esta alternância entre as regiões desenvolvidas e as que estão em seu entorno.

Como um próximo estágio nesta “*escala evolutiva de desenvolvimento*”, com esta sucessão de fatos já demonstrados, há migração entre as regiões *Norte* e *Sul*<sup>1</sup>, com uma subvalorização da cultura primária (agricultura), fazendo com que esta região busque se industrializar para compensar esta ‘perca’ de rendimentos.

Esta industrialização se desdobra de forma embrionária na transformação dos bens extraídos do setor primário, perpassando, em localidades que possuam de forma “economicamente viável”, os recursos minerais e energéticos para manter esta produção.

Como ponto de destaque para este trabalho, o último estágio de desenvolvimento de uma região é observado no setor terciário (serviços), que é pontualmente explicito por North (1977, p. 294 grifo nosso) da seguinte forma:

5 – Atinge-se o estágio final de desenvolvimento regional quando a região se especializa em atividades terciárias, produzindo para exportação. Nesse estágio a região exporta capital, mão-de-obra qualificada e serviços especiais para as regiões menos desenvolvidas. Aos custos de transporte têm sido atribuído um papel fundamental no avanço através desses estágios sucessivos de desenvolvimento.

Será explorado de forma mais detalhada no desdobrar deste trabalho o motivo da escolha do setor terciário enquanto meio de desenvolvimento regional, e como exemplificado na citação acima, como um meio natural que impulsiona as regiões ao crescimento econômico.

Como ponto a validar os conceitos já postos sobre o desenvolvimento de uma determinada região, deve-se mencionar uma passagem, também de North, que de forma sucinta explica o motivo do surgimento de uma dessas regiões desenvolvidas:

Uma região pode se expandir como resultado do crescimento da demanda de seus bens de exportação existentes, seja devido a um aumento da renda na área de mercado, ou a uma mudança dos gostos. Da mesma forma, um melhoramento na posição de custo de processamento, ou de transferência dos produtos de exportação da região em relação a regiões competidoras, promoverá o desenvolvimento (NORTH, 1977, p. 309).

Explicando esta passagem de North, podemos, primeiramente, observar neste termo ‘exportação’ mencionado, a comercialização entre as regiões desenvolvidas e as regiões/locais em seu entorno, onde os bens, também já apresentados anteriormente, são comercializados. Num segundo momento, um crescimento na demanda por um

---

<sup>1</sup> Termo utilizado por Albert Hirschman (1977), já explicitado e exemplificado anteriormente.

determinado bem produzido na região/local desenvolvido acarretará um aumento produtivo, que ampliará os itens produzidos, beneficiando assim esta região.

Como acréscimo teórico, é justo validar, mesmo que em resumida passagem, um autor que contribui, e em dados momentos se contrapõe, aos conceitos traçados por North (1977) sobre o desenvolvimento regional. Tiebout (1977) mostra que o comércio das mercadorias produzidas (exportação) de uma região desenvolvida para outra região menos desenvolvida não é suficiente para contribuir com o desenvolvimento desta primeira região. Para ele:

Não há razão para se supor que as exportações sejam a única, ou mesmo a variável autônoma mais importante, de determinação da renda regional. Outros itens, tais como investimentos comerciais, despesas governamentais, e o volume de construções residenciais podem ser tão autônomos como as exportações, com respeito à renda regional. (TIEBOUT, 1977, p. 317)

Fica assim a ideia de que Tiebout (1977) completa a proposta de North (1977), dizendo que não apenas a renda oriunda das exportações entre regiões pode trazer benesses econômicas à região desenvolvida, mas sim um “complemento” que pode ser fruto de despesas governamentais e/ou investimentos do setor privado, para que se completem e leve este desenvolvimento à região desenvolvida em análise.

Além disto, Tiebout (1977) aponta que se contribui ao desenvolvimento de uma região a renda oriunda das regiões circunvizinhas. Tiebout (1977, p. 321) diz que “o volume das exportações e, por sua vez, o crescimento interno, dependerá não apenas da dotação de fatores, mas também da renda da área vizinha.”, reforçando assim o parágrafo anterior.

Acerca das considerações sobre o progresso e desenvolvimento econômico, os escritos de Gunnar Myrdal também retratam uma realidade de fácil compreensão e reflexão. Este autor faz classificações das regiões, atentando para as disparidades, existentes entre elas, havendo regiões desenvolvidas e subdesenvolvidas. O autor toma como exemplo o desenvolvimento de parte da Europa e o subdesenvolvimento da África ou até mesmo da América Latina.

Com esta compreensão de Myrdal feita acima, ainda é considerado o fato de que mesmo em regiões desenvolvidas, há localidades que mostram maior pujança do que outras, sendo ainda “dependentes” de outra localidade ou região mais desenvolvida. Em complemento, Myrdal (1957, p.10) diz que “The international inequalities are, of

course, not dissimilar from the regional inequalities within a country<sup>2</sup>.”, havendo estas desigualdades, inclusive, dentro da mesma região.

Myrdal aponta os efeitos colaterais do desenvolvimento para determinadas regiões afirmando que os traços destas sociedades que vivem em regiões pouco desenvolvidas podem ser resultado de um processo onde:

Their entire systems of valuations would take on such an imprint of poverty and backwardness that they would become even less susceptible to the experimental and ambitious aspirations of a developing society<sup>3</sup>. (MYRDAL, 1957, p. 30)

Aqui, o autor insinua que as particularidades próprias, e inclusive culturais, das regiões menos desenvolvidas, tornarão possível este baixo grau de desenvolvimento, permanecendo assim fora do ‘raio’ de ação das vantagens econômicas, que são consequência das regiões desenvolvidas.

Lima e Simões (2009, p. 13) deixam ainda mais clara a teoria da causação circular e acumulativa de Myrdal, ao afirmar que:

[...] um processo de causação circular é válido para explicar uma infinidade de relações sociais, como, por exemplo, a perda de uma indústria em determinada região. Os efeitos imediatos desta perda são o desemprego e a diminuição da renda e da demanda locais. Estes por sua vez provocam uma queda da renda e da demanda das demais atividades da região, o que já configura um processo de causação circular cumulativa em um ciclo vicioso. Se não ocorrerem mudanças exógenas nesta localidade a mesma se tornará cada vez menos atrativa, de tal forma que seus fatores de produção, capital e trabalho, migrarão em busca de novas oportunidades, provocando uma nova diminuição da renda e da demanda local.

Fica assim exposto que esta teoria de Myrdal analisa as relações que existem dentro de um dado sistema, e principalmente quais as consequências destas relações sobre a influência de fatores exógenos.

---

<sup>2</sup> Tradução Livre: As desigualdades internacionais são, é claro, não muito diferentes das desigualdades regionais dentro de um país.

<sup>3</sup> Tradução Livre: Seus sistemas de valor assumiriam uma marca de pobreza e do atraso, tornando-o menos suscetível às experimentais e ambiciosas aspirações de uma sociedade em desenvolvimento.

## 2 O SETOR DE SERVIÇOS

### 2.1 Os Setores da Economia

A economia de uma nação apresenta suas características de acordo sua organização em setores (primário, secundário e terciário), facilitando assim uma observação e análise de suas particularidades apresentadas. O fato de apresentarem semelhanças na produção de bens ou serviços enquadra cada segmento econômico em cada uma destas classes.

Segundo Fitzsimmons e Fitzsimmons (2004, p. 31), um dos primeiros teóricos que demonstraram esta dinâmica de divisão dos segmentos da economia foi Colin Clark, que limitava sua análise a estes três setores já citados, que serão mais bem apresentados à frente, mesmo que não de forma *ipsis litteris* dos escritos deste autor, mas sim como base em sua conceituação de existência de apenas três setores econômicos.

Com relação a esta contribuição da existência destes setores básicos na economia, vemos em Sandroni (2008, p. 769) que:

A importância relativa de cada um desses setores no produto total da economia de um país é bastante variável e determina o grau de desenvolvimento econômico de uma nação. Nas economias subdesenvolvidas, predominam as atividades primárias e é precário o desenvolvimento dos setores secundários e de serviços, mais presentes nos países desenvolvidos.

Isto demonstra que há variância entre nações, que vão apresentar maior volume econômico e de desenvolvimento de acordo com o setor que demonstre melhores resultados. Segundo o autor, o setor primário está associado a práticas produtivas e de desenvolvimento precárias, e os demais (secundário e terciário) exigem certo nível já evoluído de produção, encontrado apenas em países desenvolvidos.

Cabe mencionar que a informalidade, associada aos serviços, cria um empecilho para se quantificar de forma fidedigna a realidade, a influência deste setor para a economia.

Outros autores como Foote e Hatt, conforme exposto por Fitzsimmons e Fitzsimmons (2004), subdividiam os serviços em 5 (cinco) categorias: os setores *primários* (extrativista/agrícola); *secundário* (produção de bens/indústria); *terciário*

(serviços domésticos); *quartenário* (serviços de comércio e intercâmbio), e *quinário* (aperfeiçoamento e ampliação das habilidades humanas).

Para efeito desta monografia, será utilizada a classificação mais conhecida, atribuída a Clark (1957, p. 30-31):

- a) Setor primário - Seguindo os ditames de Clark já expostos de divisão da economia em três classes, este setor nada mais trata além do segmento da economia que abarca as atividades agropecuárias e extrativistas (vegetais e minerais de um modo geral), comumente visto em manuais como o setor ligado à natureza ou à agricultura;
- b) Setor secundário - Este setor compreende as funções que estão ligadas à produção de bens que sejam indústrias transformadoras, a construção civil e a produção energética, mas comumente associado à produção na ceara industrial;
- c) Setor terciário - O segmento econômico que compreende todas as práticas que envolvem a prestação de serviços, como comércio, saúde, transportes, educação, atividades bancárias dentre outras, sendo produtos não materiais, e que indivíduos ou empresas passam para *terceiros* a atribuição de se atender suas necessidades;

## **2.2 Evolução do pensamento econômico e os setores da economia**

### *2.2.1 Escola do pensamento mercantilista e fisiocrata*

De uma forma introdutória para se analisar a evolução do pensamento econômico, serão introduzidas as principais teorias, começando pelas *mercantilistas* e *fisiocratas*.

Os primeiros afirmavam que um povo ou nação poderia ser considerado como detentor de riqueza caso possuísse grandes reservas de metais preciosos, como ouro e de prata. Período, entre os séculos XV e XVIII, este também é conhecido como era do *Bimetalismo*. Esta noção de riqueza pode ser observada em Brue (2005, p. 14):

Os mercantilistas tendiam a associar a riqueza de uma nação ao montante de ouro e prata que ela possuía. Alguns dos primeiros mercantilistas até mesmo acreditavam que esses metais preciosos eram o único tipo de riqueza que valia a pena almejar. Todos eles valorizavam as barras de ouro e prata como maneira de atingir poder e riqueza.

Como expoentes desta corrente de pensamento, observa-se Malynes, Davenant, Colbert e Petty, que apresentavam como ponto em comum o fato de terem vivido no período da idade Moderna, período este que vai de meados do século XIV até a segunda metade do século XIX.

A escola de pensamento mercantilista ao preconizar o acúmulo de metais como geradora de valor, também pela possibilidade de estocagem destas riquezas, permitia uma fácil transação comercial/mercantil entre nações, sendo que apenas estas atividades de *exportação* poderiam ser compreendidas como produtivas.

Almeida (1997, p. 6 grifo nosso), em analisando especificamente o setor terciário na visão mercantilista afirmava que:

Os serviços, de acordo com eles, cresceriam geralmente reboque dos setores ditos produtivos, isto é, da **agricultura** e da **indústria**. Entretanto, o turismo, ou melhor, o turismo internacional, seria um desses casos excepcionais. Ele seria capaz de dinamizar as economias de regiões ou países. Por quê? Em última instância, por causa da entrada de moeda universal que ele produz.

Apenas nesta passagem evidencia-se, segundo os mercantilistas, que os setores primário e secundário eram produtivos, ou geradores de riqueza/valor, sendo o setor terciário tido como produtivo apenas no turismo internacional, pois este serviço permitiria a entrada de “moeda universal” nas nações.

Já a corrente fisiocrata via que a única forma de riqueza era expressa em terras, onde quanto mais territórios agriculturáveis os indivíduos possuíssem, de mais riqueza eles desfrutariam. Também sobre o pensamento fisiocrata, que foi predominante entre os autores entre o fim do século XVIII e o século XIX, Brue (2005, p. 35) dizia que:

Os fisiocratas pensavam que a indústria, o comércio e as profissões eram úteis, mas estéreis, simplesmente reproduzindo o valor consumido na forma de matérias-primas e subsistência para os trabalhadores. Somente a agricultura (e, possivelmente, a mineração) era produtiva, pois ela produzia um excedente, um produto líquido acima do valor dos recursos usados na produção.

Já no final do século XVII, o teórico que mais se destacou na corrente de pensamento fisiocrata foi Quesnay, que, conforme Brue (2005, p. 38), “acreditava que as leis feitas pelas pessoas deveriam estar em harmonia com as leis naturais”. Isto mostrava a interação homem e natureza que era proposta pelo autor, que além destas teorias, fazia uma relação entre o corpo humano e a economia.

Sandroni (2008, p. 703) delimita ainda mais esta ideia fisiocrata, sob a ótica de Quesnay, pois:

Para ele, a economia se reduzia a números, nada teria a ver com questões morais e seria independente do processo histórico humano. Considera direitos naturais o direito à vida com liberdade e o direito à propriedade sem restrições. Proprietários de terras, volta sua atenção para os problemas agrícolas.

Almeida (1997, p. 6) aponta que para os fisiocratas uma atividade que transformasse um objeto em outro objeto (ex: com a madeira se produz uma cadeira), não criando algo novo no sentido estritamente físico, seria um trabalho estéril ou improdutivo.

Kon (2004, p. 3 grifo nosso) também parte deste pressuposto de Almeida, ainda afirma que:

Os fisiocratas divulgavam a ideia de que o trabalho agrícola era o único produtivo, sendo a terra a exclusiva fonte de riquezas, ou seja, o único fator de produção a obedecer a uma ordem natural e essencial das sociedades humanas. Apenas o solo (**agricultura e mineração**) era produtivo.

Compreende-se a esta corrente de pensamento que as atividades ligadas à manufatura e todas as demais eram tidas como *estéreis*, seguindo a ideia exposta por Almeida (1997). Incluindo nestes o setor de serviços, mesmo em se tratando dos termos de trocas, sendo que esta prática não gera a criação de nenhum ‘objeto ou item novo’.

Cabe também afirmar segundo Kon (2004, p. 3) que as atividades eram consideradas como estéreis:

[...] não por serem dispensáveis, mas pelo fato de somente os trabalhos diretos com a natureza criarem novas formas adicionais de riqueza; a atividade estéril do trabalhador lhes acrescentaria o próprio valor, ou seja, só o valor daquilo consumido no próprio processo, sem gerar um excedente real que levaria a qualquer produção nova.

Apresenta-se então, com as passagens acima, o cerne do pensamento fisiocrata sobre os setores da economia e as suas relevâncias, além da produtividade e da geração ou não de valor pelos produtos/objetos.

### 2.2.2 *Escola do pensamento clássico*

Entre a segunda metade do século XVIII e o século XIX marca na ciência econômica o início da discussão dos fenômenos e conceitos científicos de forma ‘separada’ de outros campos de estudo como sociologia, política e antropologia, não continuando com as práticas anteriores, como por exemplo, dos filósofos, que discutiam

assuntos que correspondiam assuntos de forma una que permeavam todas estas ciências anteriores.

Um fato tido como ‘ponto de partida’ da escola do pensamento clássico foi a obra de Smith, com o título *Uma investigação sobre a natureza e as causas da riqueza das nações* (ou apenas *A Riqueza das Nações* de 1776), vindo este livro ser considerado o primaz das ciências econômicas.

Posteriormente, foi reconhecida a influência do médico francês François Quesnay nos escritos do “pai da economia” Smith. Quesnay criou metáforas entre as ciências da saúde e as sociais, além de cunhar um celebre pensamento liberal, de não interferência estatal na economia: “*Laissez-faire, laissez-passer, le monde va de lui-même*”<sup>4</sup>.

Para melhor representar a importância dada ao setor primário por Smith, Mattos (2007, p. 117), apresenta:

que uma mesma quantidade de capital aplicada a diferentes setores da economia engendraria efeitos diferentes em termo da quantidade de trabalho produtivo empregada, e em termos de acréscimo ao valor do produto anual

Com esta passagem, o autor demonstra que o capital investido em setores diferentes repercutiriam efeitos distintos, tendo uma consequência melhor para a economia no setor primário. Também de acordo com Mattos (2007, p. 117):

O trabalho produtivo na agricultura seria capaz não somente de repor um valor igual ao capital que o empregou acrescido da remuneração do capitalista, mas reproduziria um valor muito maior – que permitiria também o pagamento de uma renda para o dono da terra.

Kon (2004, p. 5-6) também abordou o pensamento Smithiano sobre o que viria ou não gerar valor ao dizer que:

[...] as atividades manufatureiras já passam a ser consideradas produtivas como as agrícolas, ficando reservado aos serviços o caráter de improdutivo. Conforme Smith salientava, outras categorias sociais executavam serviços que, ao morrer no próprio instante de sua execução, não produziam um valor pelo qual igual quantidade de serviço poderia ser posteriormente obtida, pois não se fixavam em nenhum objeto permanente ou mercadoria vendável.

---

<sup>4</sup> Tradução Livre: Deixar fazer, deixar passar, o mundo vai por si mesmo.

Ainda na escola clássica Kon (2004, p. 5) afirma que Ricardo introduz a ideia de que o valor de troca possui como fator relevante o trabalho dispendido na produção de determinado bem, quer seja no trabalho prestado direto no processo produtivo ou indireto que está associado aos meios de produção.

Apresentado o que gera valor para os clássicos e partindo para o cerne da discussão dos pensadores desta corrente, que evidencia a as indústrias como base para a economia, Say demonstra a produtividade das atividades associadas ao setor secundário.

Almeida (1997, p. 7 grifo do autor) diz que: “Say trata os diversos setores da economia como *indústrias* e chega a falar de *indústria comercial*”. Ampliando esta explanação, Kon (2004, p. 9) diz que as indústrias, evidenciadas por Say, estão divididas em: 1) agrícola; 2) manufatureira e; 3) comercial ou comércio, cada uma dessas com a sua relevância.

É válido expor também o ponto de vista de Mill, que, segundo Almeida (1997, p. 9), todo trabalho produz utilidade, sendo o mesmo dividido em três tipos: 1) as fixas e incorporadas em objetos externos aos homens, que são oriundas do trabalho fabril; 2) as fixas e incorporadas em seres humanos, como advindas do trabalho de professores e médicos; e 3) as não fixas e nem tampouco incorporadas em algum objeto, sendo ‘consumido’ “sem deixar vestígio em objetos ou pessoas”, como os músicos e atores.

Almeida (1997, p. 9) ainda apresenta que:

Existem serviços como o transporte e comércio que e enquadram facilmente na primeira categoria. São, portanto, para Mill, serviços produtivos em sentido estrito, isto é, que contribuem para o incremento da riqueza nacional. Eles materializam novas propriedades incorporadas aos objetos, como por exemplo, o deslocamento no espaço.

Kon (2004, p. 4-5) expõe que os clássicos consideravam os serviços como improdutivos na economia, sendo que os “clássicos reconhecem a contribuição das atividades terciárias ao produto gerado pela economia, embora neguem explicitamente seu caráter ‘produtivo’”.

### 2.2.3 *Escola do pensamento marxista*

Marx, no período da revolução industrial pôde demonstrar como poucos as relações existentes entre as esferas econômicas, como capitalista e proletariado, e algumas teorias como as da mais-valia, fetichismo da mercadoria dentre outras de suma importância para compreensão de seu legado intelectual.

O pensamento desta escola traz uma peculiaridade quando nos aproximamos dos setores da economia, onde eram encarados como sendo serviços produtivos apenas comunicação, transporte e armazenamento de mercadorias.

Kon (2004, p. 17) apresenta acerca do pensamento marxiano sobre o que vem a ser trabalho produtivo:

[...] que , no processo de produção, se associam o trabalho intelectual e o manual, não sendo necessário “colocar a mão” no trabalho para ser considerado produtivo, bastando ser parte do trabalho coletivo, executando qualquer de suas funções.

Um complemento sobre o que são os meios produtivos para Marx, repousa nos escritos de Hunt (2005, p. 194), que destaca um ponto destoante na análise da economia e destes meios produtivos, sendo que:

Essa incapacidade de estabelecer diferença entre as características da produção que eram comuns a todos os modos de produção e as que eram específicas ao capitalismo levava a inúmeras confusões e distorções. Duas dessas distorções eram particularmente importantes na opinião de Marx: a primeira era a crença de que o capital era um elemento universal em todos os processos de produção, e a segunda era que toda atividade econômica podia ser reduzida a uma série de trocas.

Outro posicionamento adequado para se fazer sobre o marxismo é a leitura de que o modo capitalista trás em seu cerne a ruína e/ou crise, e que levando em consideração as leituras de classes sociais, associariam este fato para que a realidade fosse mudada, e desse lugar ao modo de produção socialista, chegando a este ponto tendo como ferramenta as revoluções. Sobre esta passagem, vemos em Sandroni (2008, p. 518):

A teoria política marxista, chamada de socialismo científico, considera que a luta de classe é o motor da história e que o Estado é sempre um órgão a serviço da classe dominante, cabendo à classe operária, como classe revolucionária de vanguarda, lutar pela conquista do Estado da ditadura do proletariado.

Complementar a isto Almeida (1997, p. 10), ao iniciar suas considerações acerca dos escritos de Marx ao afirmar que tais conceitos surgem como crítica às teorias clássicas de Smith, divididas em duas ‘teses’ em que:

Primeiro: o caráter concreto (material) do resultado do trabalho não tem nada a ver com o caráter produtivo ou improdutivo de uma atividade. Segundo: a produção capitalista não é simplesmente produção de mercadorias, porque, para o capitalismo, o que importa é a produção da “mais-valia”. A conclusão necessária é que neste sistema é produtivo todo trabalho que produz mais-valia.

Uma correta passagem para se evidenciar desta escola repousa no quarto livro d’O Capital (1905), que foi uma conclusão dos escritos de Marx feito por Karl Kautsky, que mesmo tendo pouca notoriedade, pela não participação do principal parceiro de construções teóricas de Marx, Friedrich Engels, explorou a já conhecida teoria da mais valia, explicitando as relações de trabalho, além de seu valor social, onde se:

Exprime relação muito específica entre o valor material que é dado e a atividade viva de que o capitalista se apropria. Naquela compra de serviços não se contem relação de trabalho e capital, de todo apagada ou mesmo inexistente, e esta é naturalmente a razão por que é a forma predileta de Jean Batist Say e quejandos, para expressar a relação entre capital e trabalho. (MARX, 1987, p. 385)

Explicita-se nesta passagem o fato de não ser um tema em voga o setor terciário, se analisado o ponto de vista *marxiano*, onde além disto os serviços são tidos como não relevantes em um processo de ‘trocas’, quando tal temática é abordada em relação a valor.

Delimitando quais são os esforços de Marx, Almeida (1997, p. 11) apresenta que:

Marx tenta separar assim o que produziria diretamente mais-valia (o trabalho produtivo) do que simplesmente absorveria a mais-valia (o improdutivo, ainda que necessário). Sugere ainda a existência de atividades intermediárias, indiretamente produtivas, porque indispensáveis à realização da produção: supervisão, transporte, etc. Toda essa discussão sobre o caráter produtivo dos serviços não tem, na realidade, muita importância na obra de Marx, que está quase toda centrada sobre as atividades agrícolas e, sobretudo industriais.

Esta passagem aponta parte da preocupação da escola de pensamento marxista com relação à divisão de ‘quem produz e quem absorve a mais-valia’, assim como as atividades intermediárias – os serviços – interligadas a estas relações de produzir ou absorver a mais-valia, e tendo como foco central das análises desta corrente de pensamento, o setor secundário.

#### 2.2.4 Escola do pensamento neoclássico

Esta escola do pensamento econômico tem um forte apelo matemático em suas teorias para demonstrar o equilíbrio na economia. Parte da hipótese do indivíduo ser racional a ponto de equilibrar seus gastos e ganhos, e em um cenário macro, com este equilíbrio apresentado na economia, haveria pleno emprego dos fatores de produção.

O pensamento neoclássico foi desenvolvido em sociedades já industrializadas e urbanizadas. Segundo Almeida (1997, p. 12) isto se deu:

Verificando não somente o desenvolvimento da produção empresarial de serviços, mas também a expansão da força de trabalho *white collar* na Europa, eles reafirmaram explicitamente o caráter produtivo dos serviços.

O maior expoente destes pensamentos foi Marshall, que tentou dar uma conotação mais científica ao estudo da economia. Observando o comportamento humano, utilizando um arcabouço matemático muito denso, acrescentou bastante no estudo da decisão do indivíduo e nas ponderações acerca da moeda na economia.

Um apelo grande desta corrente, principalmente do próprio Marshall, era o de apontar um dos pontos falhos dos socialistas, em que os teóricos da linha de pensamento socialista não enxergarem no capitalismo a possibilidade de serem criados benefícios na estrutura social. E este sistema sendo efetivamente ativo, seria possível tais benesses sobreporem os defeitos ou falhas, onde Marshall afirmava que:

Os socialistas tinham atacado as doutrinas econômicas que defendiam o capitalismo, mas “os socialistas não estudavam as doutrinas que atacavam, e não era difícil mostra que eles não tinham entendido a natureza e a eficiência da atual organização econômica da sociedade”. Os socialistas não só tinham percebido erroneamente as doutrinas econômicas que defendiam o capitalismo, como também tinham percebido erroneamente os motivos dos economistas que o faziam: [...] (1961, p.631 apud HUNT, 2005, p. 286)

E para evidenciar este pensamento, já na primeira frase do primeiro capítulo do seu livro, considerado um dos principais desta corrente, “Princípios de Economia”, ele sintetizou este pensamento:

A Economia Política ou Economia, é um estudo da humanidade nas atividades correntes da vida; examina a ação individual e social em seus aspectos mais estreitamente ligados à obtenção e ao uso dos elementos materiais do bem-estar (MARSHALL, 1996, p. 77).

Para distinguir ainda mais os *neoclássicos* dos seus antecessores clássicos, e até mesmo dos precursores da microeconomia (análises matemáticas), tratados ‘puramente’ como marginalistas, a exemplo de Jevons e Edgeworth, Brue (2005, p. 273) diz:

No entanto, podemos perceber três diferenças entre os primeiros marginalistas e os últimos economistas neoclássicos. Primeiro, o pensamento neoclássico salientava a oferta e a demanda para determinar os preços de bens, serviços e recursos no mercado, enquanto os primeiros marginalistas tendiam a reforçar somente a demanda. Segundo, muitos dos economistas neoclássicos – por exemplo, Wicksell e Fisher – demonstraram maior interesse no papel da moeda na economia] do que os antigos marginalistas. Finalmente, os economistas neoclássicos expandiram a análise marginal para as estruturas do mercado além da livre-concorrência, do monopólio e duopólio.

Torna-se relevante nesta escola de pensamento econômico o fato dos indivíduos terem a oportunidade de escolherem a quantidade ou tipo de bens ou *serviços* a serem consumidos, além de esmiuçar as estruturas de mercado, teorizando-as e distinguindo-as. À medida que a quantidade consumida destes itens aumenta, a satisfação de tal ato é reduzida.

Kon (2004, p. 14), ao transcorrer sobre o crescimento industrial do fim do século XIX, período este em que fora desenvolvido o pensamento neoclássico, em ocorrendo melhorias para a organização industrial, através de a divisão do trabalho, especialização da mão-de-obra, do conhecimento e da maquinaria, ocasionaria uma maior relação entre partes distintas deste ‘organismo industrial’. A mesma autora ainda torna explícito que:

Mais uma vez observa se a idéia de complementariedade das atividades de serviços, já adquirindo uma conotação moderna no que se refere à percepção da importância crescente das atividades financeiras e das comunicações e transportes, não só como auxiliares à produção dos objetos materiais, mas como geradoras de um produto em si.

Diante disto, expõe-se o foco desta corrente, e sua relevância ao ‘confrontar’ o setor secundário em pujança, e o setor terciário como complementar a este. Almeida (1997, p. 12) ainda afirma que o progresso econômico, ocasionado pelo setor industrial, demanda a criação de novas necessidades, residindo neste ponto a importância da “produção de serviços”.

### 2.2.5 *Pensamento keynesiano*

A ideia preconizada neste pensamento toma como base a ideia de Keynes (1883-1946), que defendia, não apenas, mas como ideia basilar de sua teoria, a ação do Estado na economia, em situações que sejam necessárias tais intervenções, como crises, por exemplo.

Um aspecto importante para se analisar deste autor e da corrente de pensamento que leva seu nome, é a busca por um equilíbrio econômico geral, apenas possibilitado através, segundo Hunt (2005, p. 385-386), de:

[...] um processo contínuo de produção, circulação e consumo. Em determinado período de produção, uma firma produz um determinado valor em dólares de mercadorias. Com a receita dessas mercadorias, a firma paga seus custos de produção, que incluem salários, ordenados, aluguéis, matérias-primas, além dos juros pelo dinheiro tomado emprestado. O que sobra após esses custos terem sido pagos é o lucro.

Para este autor, que via como uma ferramenta para se chegar ao crescimento econômico o investimento do governo na economia, que assim estimularia todos os setores, tanto os públicos quanto os privados, sendo interpretado em Sandroni (2008, p. 452) que diz que:

[...] o nível de atividade econômica depende dos investimentos: se eles aumentarem subirão os níveis de atividades de emprego, haverá maior demanda de bens e também dos lucros dos capitalistas serão maiores. A demanda efetiva aumentará se o Estado gastar mais do que arrecada e se o país conseguir exportar mais do que importa [...]

Ainda acerca desta ponderação, uma passagem que cita o enfoque deste autor na macroeconomia pode ser vista em Brue (2005, p. 418), que diz que:

Keynes e seus seguidores preocuparam-se com os determinantes das quantias totais ou agregadas de consumo, poupança, renda, produção e emprego. Estavam menos interessados, por exemplo, em como uma empresa individual decide sobre seu nível de emprego que maximiza o lucro do que na relação entre gastos totais na economia e o conjunto de tais decisões.

O economista Keynes é considerado um dos maiores pensadores do século XX, onde seus escritos acerca da economia acreditavam na importância dos investimentos como vetor de desenvolvimento e crescimento econômico, onde, também segundo Brue (2005, p. 418):

[...] a economia tende a aumentos rápidos recorrentes, porque o nível de gastos planejados com investimentos é irregular. As alterações nos planos de investimento fazem com que a renda e a produção nacional mudem em quantias maiores do que as mudanças iniciais nos investimentos. Os níveis equilibrados de investimento e poupança – aqueles que existem depois de todos os ajustes – são alcançados por meio de mudanças na renda nacional, em oposição às mudanças na taxa de juros.

O autor também se distanciava do proposto pelo ideal de um dado socialismo revolucionário, onde Keynes (1926, p. 130-131) afirmava que não concordava com o pressuposto por esta corrente, e dizia ele que:

Não acredito que haja qualquer progresso econômico para o qual a revolução seja um instrumento necessário. Por outro lado, só temos a perder com métodos de mudança violentos. Nas condições industriais do Ocidente, a tática da Revolução Vermelha mergulharia toda a população num mar de pobreza e de morte.

Este autor também afirmava que qualquer atividade econômica que gerasse lucro/remuneração, seria útil e produtiva, permitindo assim a inserção da discussão sobre os serviços, não “em pé de igualdade” dos outros setores econômicos, mas de uma forma complementar e relevante.

Kon (2004, p. 18) externa as abordagens macroeconômicas e sobre a contabilidade social de Keynes, assim como o seu posicionamento acerca da relevância dos setores de uma economia afirmando que:

Com a explicação dos determinantes da renda e da oferta agregada e a sugestão de intervenção estatal como geradora de demanda para garantir níveis maiores de emprego, Keynes abriu o caminho para a percepção da relevância de todos os setores das atividades econômicas, tanto na composição da oferta quanto na geração de renda resultante em demanda (consumo e formação de capital ou poupança).

Almeida (1997, p. 13 grifo do autor), ao descrever com base em Keynes, sobre a ‘afirmação’ do caráter “local” da produção dos serviços:

[...] que o comércio exterior deveria perder importância no futuro, e isso por duas razões. Primeiro, porque a difusão das novas tecnologias no planeta implicava a generalização de processos de substituição de importações. Segundo, porque a participação dos serviços cresceria no Produto social, e estes não se prestavam às trocas internacionais. [...] A prova mais evidente de que os serviços não são *locais* e que são mais que intercambiáveis no plano internacional é o extraordinário crescimento do seu comércio nas últimas décadas. As taxas de expansão das trocas de serviços mercantis (transporte, telecomunicações, serviços de engenharia, serviços financeiros inclusive seguros, turismo, etc.) têm superado sistematicamente as taxas de crescimento do comércio de mercadorias.

Descrevendo assim a concepção keynesiana acerca do setor terciário, levantada por Almeida (1997) em que este setor mostra-se relevante à reboque do crescimento industrial.

### **2.3 O Setor de serviços**

Como apresentado anteriormente nas passagens sobre as escolas de pensamento econômico nota-se que o setor terciário teve sua relevância apresentada, principalmente, como sendo complementar aos outros setores produtivos, como afirma Kon (2003, p. 15):

[...] as atividades terciárias se desenvolvem atendendo a funções intermediárias complementares dos demais setores, sendo seu crescimento dessa forma induzido e em situações diversas se ampliam em decorrência de ali se alocarem o capital e a mão-de-obra excedentes, que não encontram oportunidades nos outros setores [...]

Kon (2004, p. 28) classifica os serviços em quatro tipos:

- indústria de serviços, como sendo uma indústria que produz serviços no lugar de bens, como as indústrias de transportes, comércio atacadista e varejista, seguros etc.;
- serviços são bens de consumo ou intermediários intangíveis e em geral consumidos ao mesmo tempo em que são produzidos. São usualmente intensivos em trabalho;
- os serviços são o componente do Produto Nacional Bruto que mede o produto de itens intangíveis;
- os serviços referem-se certas vezes a bens intangíveis, sendo uma de suas características o fato de serem consumidos na maioria das vezes no ponto de sua produção.

Após esta primeira delimitação conceitual acerca dos serviços fica evidente o aspecto de que os mesmos são intangíveis, ou seja, não são mensurados fisicamente ou paupáveis, diferentemente dos outros setores que produzem, por exemplo, feijão no setor primário e o automóvel no setor secundário.

Outro ponto de suma importância é que os serviços não são transportáveis, ou seja, como no exemplo acima, pode se transportar o feijão ou o carro de onde se produz para outra localidade, diferente dos serviços, que são “consumidos” no local em que é produzido, fazendo também com que indivíduos necessitem se deslocar de outras localidades para ter acesso ao ‘fruto’ de dado serviço, como o serviço de saúde, em que o indivíduo tem de vir ao centro que oferece este serviço para ter acesso ao mesmo.

Além desta característica, Meireles (2006, p. 6, grifo do autor) ainda fala de outras duas características pertinentes aos serviços:

[...] a **variedade**, se refere à diversidade de técnicas produtivas e às diferenças no tamanho e na margem de lucro das empresas prestadoras de serviço. Por último, a terceira característica, o **uso intensivo de recursos humanos**, reflete o fato de que, apesar da crescente incorporação do progresso técnico, através de máquinas e equipamentos, os recursos humanos representam o fator produtivo predominante no processo de prestação de serviço, principalmente porque serviço é uma atividade profundamente interativa e, portanto, a natureza relacional da atividade depende essencialmente de recursos humanos para realizar a interface com os consumidores/usuários. Por conta desta característica é atribuído aos serviços o caráter de **intensivo em informação**.

Na análise dos serviços não se discorre claramente alguns aspectos conceituais, como a durabilidade e a transportabilidade dos mesmos, e isto se deve basicamente pelo explorado anteriormente, ou seja, sobre a intangibilidade dos serviços. Sendo assim é praticamente impossível mensurá-los ou delimitá-los.

Sobre este aspecto, Kon (2007, p. 8) diz que os conceitos sobre a durabilidade ou transportabilidade:

[...] nem sempre se ajusta perfeitamente à definição de um bem ou serviço, pois alpm de serem extremamente duráveis, certos serviços são transportáveis, como no caso do *software*; outros serviços são transportáveis via aérea ou por telecomunicações, como é o caso de serviços de consultoria legal, engenharia, e administração.

Para enriquecer a conceituação do que vem a ser o setor terciário (serviço), vale acrescentar a definição de Sandroni (2008, p. 766-767), que diz que o serviço é uma:

Denominação dada ao conjunto das atividades que se desenvolvem especialmente nos centros urbanos e que são diferentes das atividades industriais e agropecuárias. Tais atividades normalmente se enquadram no assim chamado setor terciário da economia, como o comércio, os transportes, a publicidade, a computação, as telecomunicações, a educação, a saúde, a recreação, o setor financeiro e de seguros e a administração pública.

Depois de feitas estas conceituações e delimitações, torna-se importante salientar a relevância deste setor para a economia, como pontuou Kon (2007, p. 3) ao afirmar que “[...] a observação sobre atividades específicas de serviços como elementos indutores do processo de crescimento [...]” são pertinentes, principalmente quando este ‘fenômeno’ é acrescido das teorias sobre as escolas do pensamento econômico para basear esta discussão.

Em decorrência desta significância sob o papel do setor terciário como indutor do crescimento econômico, Kon (2003, p. 14) reforça que:

[...] o papel do setor Terciário no decorrer do desenvolvimento econômico de uma sociedade, nas fases iniciais do processo, fica clara a ideia da associação da urbanização acelerada ao crescimento das atividades de serviços, que denota o início das mudanças na estrutura produtiva, característica da transição de um sistema econômico de baixa produtividade per capita, para outro de produtividade mais elevada.

Pode-se observar, com a passagem acima que o mérito do setor de serviços está em ele ser responsável, dentro de uma determinada nação, por levar a economia ao crescimento, e evidencia esta “transição” de *modus economicus* de baixa para alta produtividade per capita.

Sobre a relevância econômica do setor terciário, é correto expor que, em decorrência do desdobrar das práticas deste segmento, pode-se gerar, como consequência, as *economias de aglomeração*, que são atribuídas a aglomerações geográficas de uma população ou de determinadas atividades econômicas, por ser atribuído ao setor analisado, como Kon (2003, p. 9) afirma ser esta:

Uma das funções das atividades de serviço nas economias nacionais, além de sua localização urbana, é o fato de que elas têm sido reconhecidas como facilitadoras ou reforçadoras do impacto sobre os pólos de crescimento, ou seja, sobre as atividades que lideram tanto de forma quantitativa quanto qualitativa a determinação dos padrões de expansão a nível nacional.

Após apresentadas estas conceituações fundamentais para a compreensão do setor terciário, ainda na leitura da obra de Kon (2007, p. 14), pode se sintetizar toda esta concepção afirmando que:

A literatura mostra que as atividades de serviços não são apenas dependentes da demanda de atividades manufatureiras, pois mantêm transações com todas classes de atividades econômicas e detêm áreas próprias de mercado que se estendem além da localidade em que se inserem, incluindo mercados internacionais. A contribuição dos serviços no desenvolvimento das economias tem características diferenciadas em países mais avançados ou em desenvolvimento, porém é fundamental em qualquer nível de desenvolvimento, ao tornar-se a maior fonte de geração de empregos na atualidade.

Desta forma, apresentando os aspectos inerentes ao setor de serviços, e as possibilidades deste segmento levar ao crescimento econômico, além dos desdobramentos benéficos destas atividades para a economia, se torna relevante um aprofundamento nesta discussão, tendo em vista que este setor é demasiadamente amplo

(educação, lazer e comércio, por exemplo), para que sejam apresentadas as constatações desejadas ao presente trabalho.

## 2.4 Os Serviços de Saúde

O setor terciário, como apresentado anteriormente, abrange uma campo grande de atividades que podem ser atribuídos a tal segmento, como as telecomunicações, transporte, educação, lazer e o comércio.

Há também a análise da existência dos *Knowledge Intensive Business Services*<sup>5</sup> – KIBS, ou os Serviços Intensivos em Conhecimento - SIC, que como o próprio nome já diz, são serviços com participação intensiva de conhecimento, que são melhorados constantemente com a existência da P&D (Pesquisa e Desenvolvimento) que dão ao segmento este dinamismo de progressiva evolução, principalmente no que diz respeito às novas tecnologias.

Como sendo este um ponto importante quando da análise do setor terciário, é válido sintetizar o que são os KIBS ou SIC. Freire (2006, p. 114) diz que:

O campo relativamente extenso para a aplicação das novas tecnologias, a constante destruição e a recriação de barreiras entre os segmentos, as dificuldades para mensuração de serviços de natureza intangível e a impossibilidade de definir convenções estatísticas precisas em um quadro em que as estruturas tecnológicas se encontram em transformação são dificuldades para a definição mais precisa dos segmentos que compõem o núcleo da chamada economia da informação [...]

Depois de feita esta apresentação de um campo importante para o estudo do setor de serviços, cabe se aprofundar na atividade basilar para a análise do presente trabalho, que são os serviços de saúde.

Dando continuidade, os serviços de saúde podem ser constatados, segundo Andrade *et al.* (2011, p. 6) como:

O provimento do cuidado com a saúde, principalmente para os serviços de baixa e média complexidade, é um processo produtivo intensivo em mão de obra o que torna o setor de saúde responsável por elevada absorção da população ocupada. Esses serviços se caracterizam por serem, em sua maioria *non-tradables* com demanda associada à localidade da residência. Os cuidados de alta complexidade, por outro lado, incluindo principalmente serviços de diagnósticos, e fabricação de medicamentos, se caracterizam pelo uso intensivo de tecnologia.

---

<sup>5</sup> Tradução Livre: Serviços Empresariais Intensivos em Conhecimento

Sendo então nesta passagem possível visualizar o que outrora fora evidenciado, que os serviços de saúde são intensivos em mão de obra, também intensivo em conhecimento por se tratar de um serviço especializado, onde se encontra ainda mais intensiva quando há uma demanda por estes serviços próximos à residência dos indivíduos, ou seja, quanto mais próxima à localidade ou cidade de um centro que ofereça estes serviços de saúde, mais intensivos em mão de obra será este setor.

Em contrapartida a isto, esta mesma citação ainda torna explícito o fato de que os serviços deste mesmo segmento, que exigem mais tecnologia, contrariamente ao afirmado anteriormente, serão desenvolvidos em localidades ou centros que tenham este setor de tecnologia, ou mesmo os já apresentados KIBS, mais desenvolvidos.

Analisando assim este cenário, se torna importante a avaliação da localização destes serviços dentro de um determinado território, onde:

[...] os mesmos princípios que regem a localização das indústrias podem ser aplicados ao estudo da localização do comércio de serviços. No caso de serviços de Saúde, esses princípios são: acesso às fontes de insumo como, por exemplo, gás hospitalar, material hospitalar; acesso aos mercados; escala de operação da unidade de produção e economias de aglomeração (ISARD, 1998 apud MOTTA; PEROBELLI; BASTOS, 2011, p. 3).

Notando com esta passagem a semelhança neste aspecto entre os setores secundários e terciários, onde os mesmos se instalam com maior eficácia na região que possua algum fator que lhe seja favorável, permitindo assim alcançar vantagem competitiva ou comparativa, de forma resumida podemos associar a instalação do setor industrial próximo a localidades que possam prover algum tipo importante de insumo para os meios fabris, e o setor de serviços na região que lhe ofereça mão de obra (especializada).

Ainda no que tange ao fato do setor de serviços se instalarem em dadas localidades ou regiões, pode ser ocasionado, também, pela demanda por determinado serviço, como no apresentado serviço de saúde, onde a demanda pelo segmento torna atrativo a instalação de empresas que ofertem esta atividade, como pode ser observado em Paraiso (2005, p. 7), que diz que:

A análise da demanda por serviços de saúde também pode ser realizada tendo como unidade de medida da demanda da utilização dos serviços de saúde. A utilização dos serviços mede a demanda pelo uso de determinado serviço médico em um período.

A especialização de uma região, em considerando o segmento dos serviços de saúde pode ainda, em dadas situações, formar um “complexo industrial da saúde”, justamente pelo fato da instalação destas empresas prestadoras deste serviço em localidades que possuam alguma vantagem que garanta sua instalação. Sobre esta relevância notamos que:

O complexo produtivo de saúde possui um papel decisivo no progresso de desenvolvimento de um país, pois constitui um campo em que a inovação tecnológica e acumulação de capital geram oportunidades de investimento, trabalho e renda, além de produzir avanços para melhorar o estado de saúde de pessoas. (VIANNA; ELIAS, 2007 apud MOTTA, 2011, p. 20-21)

Como Motta (2011) apresenta que este conceito é mais bem aplicado nas regiões em que são significativos não apenas a prestação do serviço saúde, enquanto setor, e sim a de uma cadeia produtiva industrial que permita isto, através de indústrias de base química e biotecnológica e de indústrias de base mecânica eletrônica e de materiais, não sendo este o objetivo do presente trabalho.

Mesmo assim, servindo como endosso às afirmações feitas anteriormente, Motta (2011, p. 20) apresenta que:

No que tange ao desenvolvimento de um parque industrial, o setor é responsável pela formação das grandes indústrias que atuam e são relacionadas com a área. Tal interação, conforme o delineado é uma das características peculiares da saúde. É válido destacar que a área da saúde é dependente de progressos técnicos e científicos e se constitui em um dos elementos centrais da terceira revolução tecnológica, baseada na biotecnologia e nas novas tecnologias de informação e comunicação (TIC).

Após apresentadas todas estas características, próprias da prestação do serviço de saúde, e principalmente os seus possíveis desdobramentos, como a criação dos KIBS/SIC ou então do surgimento dos complexos industriais de saúde, é válido ressaltar que se torna relevante o aprofundamento dos ‘pormenores’ deste serviço, devido ao fato de todo o setor ser dinâmico o suficiente para ter relevância em determinada economia, e a saúde, como componente deste segmento, atende a contento quando desta análise.

O aprofundamento do presente trabalho se dará baseado na evolução dos postos de trabalho, atendimento no setor, profissionais atuantes na área e uma evolução de gastos e investimentos neste segmento, dentre outros aspectos que tornem relevante a afirmação de que o setor de serviços de saúde é peça fundamental, quando da análise do crescimento e desenvolvimento de uma determinada economia.

### 3 OS SERVIÇOS DE SAÚDE EM VITÓRIA DA CONQUISTA

#### 3.1 História do município

O município de Vitória da Conquista, no estado da Bahia, tem uma história de seu surgimento muito rica, carregada de uma narrativa de batalhas e conquistas que são motivo de pesquisas até os tempos atuais. O desenrolar desta história se inicia ao analisar a forma com a qual os primeiros habitantes, não indígenas, chegaram ao território do município. Sobre isto, Fonseca (1998, p. 22) diz que:

Do ponto de vista histórico, as primeiras incursões em território da região se deram por volta do início da segunda metade do século XVII (começo da década de 1660), quando bandeirantes portugueses, subindo o rio Paraguaçu em direção à Serra Geral, enfrentaram os índios Maracás que habitava a região do futuro município de mesmo nome, assentando residência no local e povoando a região.

Neste sentido, no desdobrar do século XVIII, a expedição (bandeira<sup>6</sup>) de João Gonçalves da Costa ocupou, juntamente com sua família e acompanhantes, as terras do planalto de Conquista, como apresenta Casimiro em Fonsêca (1998), fazendo com que este território se expandisse em volta da Serra do Piripiri.

A chegada destes primeiros desbravadores que partiam do litoral rumo ao interior do país no intuito de abrir novas rotas e conquistar novos territórios fez com que os mesmos encontrassem algumas tribos indígenas pelo território da Serra do Piripiri, como os Imborés, Pataxós e Mongoiós, ocasionando assim combates e o extermínio destas tribos.

Já no século XIX, mais precisamente nos anos de 1888 e 1893, a cidade possuía, segundo Casimiro, em Fonsêca (1998, p. 20) “a grande praça, onde se realizava a feira, onze ruas e mais duas praças”. Ainda sobre este período, Silva, afirma em em Fonsêca (1998, p. 126-127 grifo do autor) diz que:

---

<sup>6</sup> Designação das expedições organizadas por proprietários de terras paulistas entre os séculos XVI e XVII, cuja finalidade era capturar índios para utilizá-los como escravos, mas também a obtenção de metais de pedras preciosas. Juntamente com as Entradas (organizadas pelo governo com as mesmas finalidades), as Bandeiras constituíram um elemento decisivo na expansão do território brasileiro além dos limites determinados pelo Tratado de Tordesilhas. (SANDRONI, 2008, p. 69)

O decorrer do século XIX foi especialmente importante para Conquista, isto porque foi neste espaço de tempo que passou de *Arraial* à *Vila* (1840) e depois à *Cidade* após a proclamação da República (em 1889). Em outras palavras o século XIX proporcionou além do desenvolvimento econômico, um crescimento demográfico e um desenvolvimento cultural, fundamentais para que Conquista se tornasse um importante centro populacional da Bahia.

Ainda sobre este período de fundamental importância para o desenvolvimento do município, Silva apresenta em Fonsêca (1998, p. 137-138), ao falar sobre a delimitação do território e da mudança de Arraial para Imperial Vila da Vitória, afirmou que:

O Arraial, inicialmente, achava-se sob a Jurisdição da Freguesia do Rio Pardo (Minas Gerais), passando depois para Jacobina e Rio de Contas, onde já existia uma ouvidoria, e por fim, à Freguesia da Vila do Príncipe de Caeté. Devido as condições das estradas, que tornavam penosos os constantes deslocamentos para aquelas regiões, os moradores do Arraial da Conquista reivindicaram e obtiveram a autonomia política. O Arraial foi elevado a condição de Vila por lei provincial de nº 124, de 1º de maio de 1840. Em seu artigo terceiro dizia a lei: “Fica também ereto em Vila e Freguesia o Arraial da Conquista, termo da Vila da Caitité, com a denominação de Imperial Vila da Vitória, Freguesia de Nossa Senhora do mesmo título”. O artigo quarto especificava os limites da vila: “tanto a vila quanto a freguesia terão por limites todo o termo desta província, que tem pertencido a Freguesia do Rio Pardo, cuja a Matriz, está assentada em terreno de Minas Gerais”. A Imperial Vila da Vitória, portanto, limitava-se com a província de Minas Gerais. A instalação do município e a posse da primeira Câmara de Vereadores se deu no dia 9 de novembro de 1840.

Silva torna explícito em Fonsêca (1998) torna explícito o fato de a economia local ser baseada em atividades primárias, inicialmente com a pecuária e posteriormente com o plantio do café. Segundo Silva afirma em Fonsêca (1998, p. 130), “O século XIX foi marcado pelo desenvolvimento e consolidação da atividade econômica agro-exportadora”. Ainda:

O café também sempre foi cultivado na região de Conquista, embora a sua importância econômica só comece a despontar no momento em que tropas permitem melhores condições de transporte. No final do século XIX, em 1893, Francisco Vicente Vianna relacionava junto às principais localidades produtoras de café, Conquista e Poções (SILVA; *apud* FONSECA 1998, p. 141).

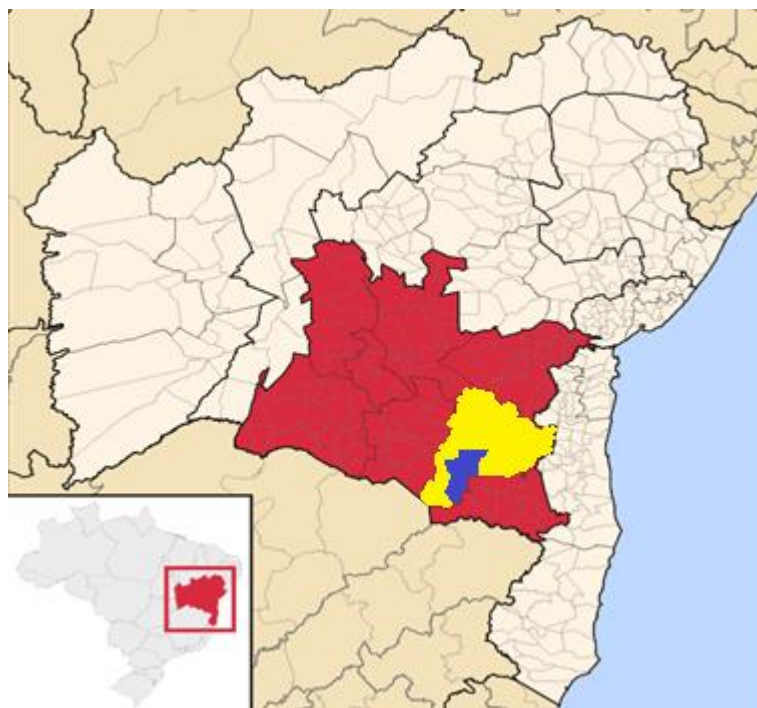
Dando um salto histórico para o século XX, mais precisamente na década de 1940, a construção da BR 116 marcou um período de transição para a economia de Vitória da Conquista, com o destaque que a cidade ganhou pela passagem desta rodovia federal, que atravessa o Brasil de norte a sul, colocando-a assim no roteiro dos grandes polos de desenvolvimento. Esta última afirmação leva em consideração o conceito de Perroux, de crescimento e desenvolvimento atrelado à pujança do setor secundário. Logo, tornando Vitória da Conquista uma via de passagem de mercadorias destes ‘pólos’, possibilitou-se que novos segmentos da economia fossem fortalecidos, como o setor terciário nas décadas de 1970 e 1980.

### **3.2 Apresentação geográfica e territorial**

Dando continuidade à apresentação do município central desta discussão, e ainda com “olhares” voltados à história, Vitória da Conquista é inicialmente conceituada espacialmente por Souza, em Aguiar (1999, p. 96) como:

[...] uma cidade localizada no sudoeste do Estado da Bahia, numa região denominada inicialmente pelos conquistadores portugueses como *Sertão de Ressaca*, compreendida entre o Rio Pardo ao sul, e o Rio das Contas, ao norte (15° de latitude sul/ 41° de longitude oeste).

O município de Vitória da Conquista (em azul no mapa), encontra-se na mesorregião do Centro-Sul Baiano (em amarelo no mapa), que é composta por 118 municípios, na microrregião de Vitória da Conquista que abrange um total de 17 municípios. Possui uma população, de acordo ao censo do IBGE 2010, de 306.866 habitantes.

**Figura 1 – Mesorregião do Centro-Sul Baiano**

Fonte: Wikipédia <sup>7</sup>(2006)

A cidade analisada está situada numa altitude de 923 metros acima do nível do mar, com um território com uma área de aproximadamente 3.400.000 quilômetros quadrados, fronteira com 8 municípios baianos (Anagé, Barra do Choça, Itambé, Encruzilhada, Belo Campo, Candido Sales, Planalto e Ribeirão do Largo).

Está também próxima à mesorregião Norte de Minas Gerais, fazendo divisa com o estado de Minas Gerais a aproximadamente 110 (cento e dez) quilômetros, ficando a pouco mais de 120 (cento e vinte) quilômetros do município de Águas Vermelhas (sendo esta uma das primeiras cidades mais importantes para a mesorregião Norte de Minas Gerais, mais próximas de Vitória da Conquista, com pouco mais de 12.000 habitantes).

Torna-se válido também apresentar que o município de Vitória da Conquista fica distante da capital, Salvador, pouco mais de 500 quilômetros.

---

<sup>7</sup> Esta fonte foi utilizada devido ao fato do autor da presente pesquisa não dominar programas de criação e manipulação de mapas. Consultas foram feitas, a título de comprovar a fidedignidade do mesmo à realidade, principalmente em pesquisas de cunho acadêmico.

Se tratando de relevância do município para as cidade e regiões vizinhas, Vitória da Conquista é considerada uma Capital Regional B (constituído por 20 cidades, com medianas de 435 mil habitantes e 406 relacionamentos; [...])” (REGIC – IBGE 2007. p. 11), o que enquadra o município como exercendo influência, principalmente na mesorregião centro-sul baiano.

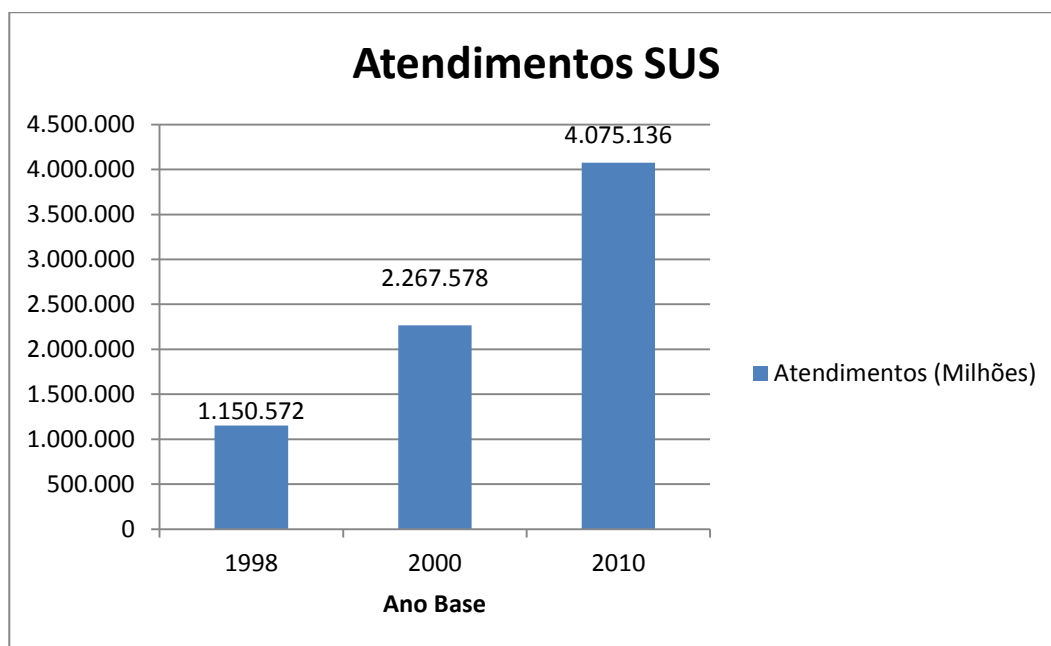
O estudo proposto na REGIC atualizou as regiões urbanas brasileiras e as regiões de influência, classificando por importância (hierarquia) tais centros urbanos, sendo esta pesquisa feita com base em constatações gráficas e analíticas, sendo observado também:

[...] a partir dos aspectos de gestão federal e empresarial e da dotação de equipamentos e serviços, de modo a identificar os pontos do território a partir dos quais são emitidas decisões e é exercido o comando em uma rede de cidades. (IBGE, 2007).

A apresentação histórica e a delimitação espacial/geográfica tornam compreensíveis, tanto a evolução do município quanto a sua importância para as regiões que estão ao seu entorno.

### *3.2.1 Particularidades dos Serviços de Saúde em Vitória da Conquista*

Para apresentar o cenário, no qual os serviços de saúde estão inseridos em Vitória da Conquista, algumas informações relevantes como as que se seguem se fazem necessário, como o aumento nos procedimentos executados pelo SUS – Sistema Único de Saúde, desde o ano da municipalização destes serviços, em 1998, que será amplamente abordada em outra seção, e os anos seguintes em que foram realizados os censos demográficos – anos escolhidos como recortes temporais – como observamos no Gráfico 1:

**Gráfico 1 – Atendimentos SUS em Vitória da Conquista**

Fonte: Elaboração do autor com base em dados da Secretaria Municipal de Saúde de Vitória da Conquista / TabWin (2013)

Este gráfico expressa o aumento progressivo dos serviços de saúde, sendo computados apenas os do SUS, do município de Vitória da Conquista. O primeiro ano base foi tomado por ter ocorrido neste ano a municipalização da saúde nesta cidade.

A Tabela 1 apresenta a quantidade de profissionais lotados neste segmento, devidamente cadastrados no Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde – CNES, valendo ressaltar que estes dados correspondem aos funcionários cadastrados diretamente na prestação dos serviços, como médicos, enfermeiros, nutricionistas e etc, desconsiderando os empregados em atividades ligadas à saúde, como balconistas de farmácias, vendedores de planos de saúde e etc:

Estes dados totais serão contemplados no Gráfico 5, que traz dados da Classificação Nacional de Atividades Econômicas – CNAE, que atende todas as profissões diretamente ligadas aos serviços de saúde.

**Tabela 1 – Profissionais (Serviços/Saúde) / Mesorregião Centro-Sul**

Profissionais cadastrados no setor de serviços e lotados nos serviços de saúde das maiores cidades das Microrregiões que compõem a Mesorregião Centro-Sul.

<b>Cidade</b>	<b>Total/Serviços (RAIS / MTE -2011 )</b>	<b>Serviço de Saúde (CNES – 2013)</b>
Vitória da Conquista	45.154	3.756
Boquira	1.084	229
Brumado	4.451	933
Guanambi	7.413	1.305
Itapetinga	6.136	693
Jequié	11.412	2.021
Livramento de Nossa Senhora	2.457	636
Seabra	2.776	427

Fonte: Elaboração do autor com base em dados da RAIS – MTE (2011) E CNES (2013)

Os dados apresentados na Tabela 1 não podem ser confrontados para mostrar a participação percentual dos empregos da saúde em todo o segmento de saúde, visto que as informações disponíveis são de anos distintos e recortes geográficos diferentes, mesmo assim, são possíveis fazer algumas considerações a respeito destes dados.

Torna-se então válida a apresentação destas informações a título meramente ilustrativo, para que seja salientada a relevância dos empregos formais, voltados a prestação dos serviços de saúde.

Antes disto, é correto expor que os dados fornecidos pela RAIS – MTE (2011) computam apenas os empregos formais, o que não prestigia tanto o setor de serviços que possui um alto índice de informalidade, talvez não tão significativo nos serviços de saúde, mas no segmento de serviços como um todo.

Assim como apresentado nas tabelas anteriores, é torna-se válido expor a quantidade de estabelecimentos cadastrados, tanto no SUS quanto os privados nos serviços de saúde para as mesorregiões e microrregião analisadas.

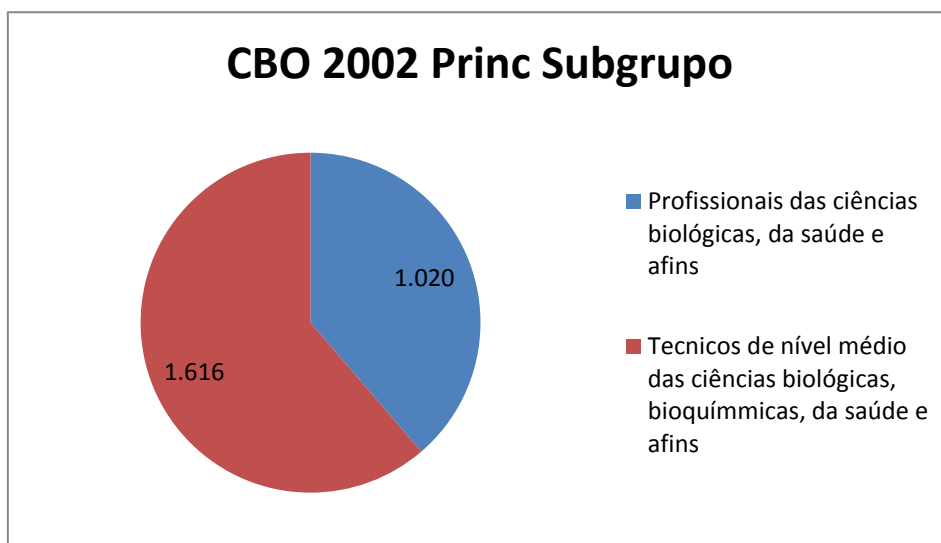
**Tabela 2 – Estabelecimentos de Saúde / Mesorregião Centro-Sul**

Estabelecimentos de saúde das maiores cidades das Microrregiões que compõem a Mesorregião Centro-Sul	
<b>Cidade</b>	<b>Serviço de Saúde (CNES – 2013)</b>
Vitória da Conquista	428
Boquira	35
Brumado	105
Guanambi	153
Itapetinga	103
Jequié	195
Livramento de Nossa Senhora	59
Seabra	34

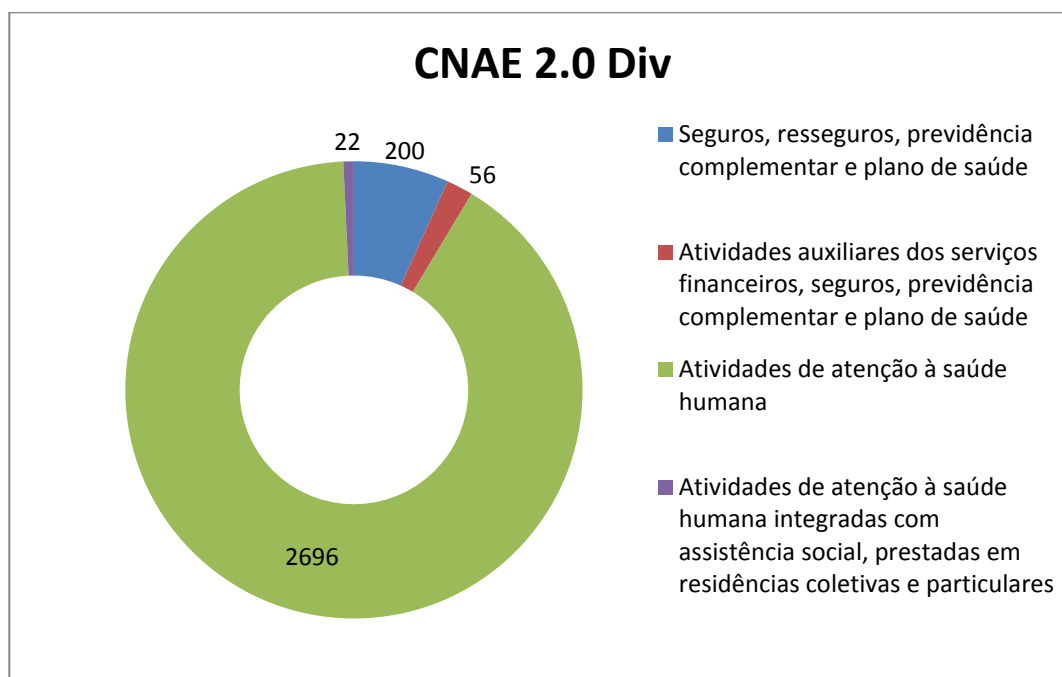
Fonte: Elaboração do autor com base em dados do CNES (2013)

A análise da Tabela 2 segue a mesma lógica da Tabela 1 apresentada anteriormente, onde Vitória da Conquista conta com mais estabelecimentos de saúde – vale frisar que o termo que designa os locais em que são prestados os serviços de saúde são *estabelecimentos*, termo este utilizado na metodologia empregada pelo CNES - assim como profissionais lotados nesta área do que os demais municípios analisados, contando com mais que o dobro de estabelecimentos do que Jequié, que apresenta melhores resultados do que Boquira, Brumado, Guanambi, Itapetinga, Livramento de Nossa Senhora e Seabra.

Levando em consideração também os dados da RAIS – MTE (2011), se torna possível demonstrar as seguintes informações:

**Gráfico 2 – Classificação Brasileira de Ocupação**

Fonte: Elaboração do autor com base em dados da RAIS – MTE (2011)

**Gráfico 3 – Classificação Nacional de Atividades Econômicas**

Fonte: Elaboração do autor com base em dados da RAIS – MTE (2011)

Todos estes gráficos, levando em consideração um universo de 62.668 profissionais nos três setores da economia, servem para demonstrar o papel do setor ligado à saúde, no que diz respeito a quantidade de empregos formais computados pelo Ministério do Trabalho e Emprego, onde no Gráfico 2 é apresentada a disposição dos profissionais da área de saúde empregados em Vitória da Conquista, mostrando que a soma destes ‘subgrupos’ correspondem apenas a 4,20% dos demais.

Já o Gráfico 3 apresenta as atividades econômicas em divisões, mantendo estas ligadas à saúde com 4,74% do todo, representado por todas as outras divisões.

Todos estes gráficos tem como objetivo mostrar a participação dos profissionais da área de saúde no total levantado no município. Um bom dado a ser observado também, com relação à relevância deste profissional de saúde, é a quantidade de cursos de graduação e pós-graduação (*latu senso*) neste segmento no município analisado.

**Tabela 3 - Cursos de Graduação e Pós-Graduação em Vitória da Conquista (Área de Saúde)**

Instituição	Graduação	Pós-graduação
UESB (Campus de Vitória da Conquista)	3	-
Fainor	4	1
FTC	5	5
JTS	1	2
UFBA	6	2
IFBA	1	-
UNIGRAD	-	34
UNIPOS	-	29
<b>TOTAL</b>	<b>20</b>	<b>73</b>

Fonte: Elaboração do autor com base em informações no sítio eletrônico das instituições (2013)

Mostrando assim que estes profissionais tem a possibilidade de se especializarem em suas áreas, dentro de Vitória da Conquista, fazendo assim com que outra área, também do segmento terciário seja incentivado, que é a educação, que mesmo não sendo o foco do presente trabalho, mostra esta interligação entre os serviços de saúde e de educação.

### 3.2.2 Índice de Terciarização, PIB Local Convertido e Índice de Terciarização Ajustado.

Para iniciar a explanação sobre a relevância sobre o setor terciário, serão utilizados os métodos do: Índice de Terciarização (**IT**), o PIB Convertido (**PIBco**) e o Índice de Terciarização Ajustado (**IT\***).

As análises serão feitas levando em consideração as maiores cidades (levando em consideração o PIB municipal) das microrregiões que compõem mesorregião centro-sul baiano, sendo elas as microrregiões, e por consequência as cidades de: Boquira, Brumado, Guanambi, Itapetinga, Jequié, Livramento de Nossa Senhora, Seabra e Vitória da Conquista, conforme Tabela 4:

**Tabela 4 – PIB Municipal / Mesorregião Centro-Sul**

PIB Municipal das maiores cidades das Microrregiões que compõem a  
Mesorregião Centro-Sul

Cidade	PIB Municipal (SEI – 2010 / R\$ Milhões)	PIB Per Capita (SEI – 2010 / R\$ 1,00)
Vitória da Conquista	3.469,18	11.323,35
Boquira	76,19	3.456,53
Brumado	628,44	9.735,76
Guanambi	582,09	7.386,80
Itapetinga	826,66	12.100,91
Jequié	1.675,16	11.026,55
Livramento de Nossa Senhora	294,27	6.890,80
Seabra	241,73	5.781,02

Fonte: Elaboração do autor com base em dados do SEI (2010)

Para ser feita esta abordagem, se faz necessário seguir sequencialmente o cálculo destes três indicadores. O mais relevante destes índices, segundo Nogueira e Garcia (2007, p. 65) é o Índice de Terciarização Ajustada (**IT\* ou ITa**), que “indica a capacidade de ‘carregamento’ do conjunto das atividades econômicas pelos serviços ofertados por uma dada localidade ou região.”.

Ainda com base nos autores citados anteriormente, é afirmado em algumas passagens que este indicador pode ser calculado após os resultados já encontrados do Índice de Terciarização (**IT**), que vem a ser “uma medida relativa da força setor terciário dessa localidade”, e do PIB Local Convertido (**PIBc**), que é aplicado para corrigir distorções nos cálculos do IT, sendo utilizando um ‘fator de ponderação’, que é “capaz de expressar simultaneamente um alto nível de atividade terciária, bem como um grande volume de atividades diretamente produtivas.”.

Vemos também que Nogueira e Garcia (2007, p. 65) expressa esta relevância ao dizer que o Índice de Terciarização Ajustado é:

[...] um bom método para a identificação do grau de centralidade urbana de uma localidade (sic) pode ser obtido por meio do seu índice de terciarização ajustado. [...] O cálculo do Ita para todas as áreas de mercado de um macro espaço econômico possibilita o estabelecimento de uma hierarquia inter-regional baseada na densidade urbana destas áreas, dada pela dupla capacidade de ‘carregamento’ e ‘transbordamento de seus serviços.

Desta forma, partindo para o cálculo destes indicadores, vemos expressa a fórmula do Índice de Terciarização (**IT**) como:

$$IT_i = VA_{Si} / PIB_i$$

Sendo assim o Índice de Terciarização de uma determinada região (**ITi**) é o resultado da divisão do Valor Adicionado dos serviços da localidade *i* (**VA<sub>Si</sub>**) pelo PIB da mesma região (**PIB<sub>i</sub>**).

Partindo para as análises das 8 maiores cidades (levando em consideração o PIB municipal) pertencentes as microrregiões da mesorregião centro-sul baiano, podemos observar o efeito destes indicadores no Tabela 5, tendo estes índices como referência os resultados totais apurados em todo o Estado da Bahia.

**Tabela 5 – Índice de Terciarização / Mesorregião Centro-Sul**

Índice de Terciarização das maiores cidades das Microrregiões que compõem a Mesorregião Centro-Sul	
<b>Cidade</b>	<b>IT (%)</b>
Vitória da Conquista	0,79
Boquira	0,82
Brumado	0,54
Guanambi	0,82
Itapetinga	0,51
Jequié	0,81
Livramento de Nossa Senhora	0,57
Seabra	0,78

Fonte: Elaboração do autor com base em dados da SEI (2010)

Dando continuidade aos cálculos para se alcançar o Índice de Terciarização Ajustado (**ITa**), se deve calcular o PIB Convertido (**PIB<sub>c</sub>**) destes resultados (Tabela 4). Para isto, temos a seguinte equação:

$$\mathbf{PIB_c = 1 - e^{(\ln(0,05)/PIB_{ref} * PIB_i)}}$$

Sendo assim, o PIB Convertido (**PIB<sub>c</sub>**) é resultado da função exposta acima, onde o **PIB<sub>ref</sub>** é o PIB de referência a ser analisado e o **PIB<sub>i</sub>** é da localidade a ser comparada. Para os municípios da Microrregião de Vitória da Conquista, este indicador é apresentado na Tabela 6.

**Tabela 6 – PIB Convertido / Mesorregião Centro-Sul**

PIB Convertido das maiores cidades das Microrregiões que compõem a Mesorregião Centro-Sul	
<b>Cidade</b>	<b>PIB<sub>c</sub> (%)</b>
Vitória da Conquista	0,95
Boquira	0,07
Brumado	0,44
Guanambi	0,40
Itapetinga	0,50
Jequié	0,76
Livramento de Nossa Senhora	0,24
Seabra	0,20

Fonte: Elaboração do autor com base em dados da SEI (2010)

\*Dados pertinentes a todo o Estado da Bahia

Após apresentados estes valores acima, cabe apenas calcular, por último, o Índice de Terciarização Ajustado (**ITa**) através da seguinte equação, que nada mais é além da multiplicação do Índice de Terciarização pelo PIB Convertido:

$$\mathbf{ITa = IT * PIB_c}$$

Observamos então no Tabela 7 os resultados pertinentes a estes cálculos para melhor se compreender o Índice de Terciarização Ajustado:

**Tabela 7 – Índice de Terciarização Ajustado / Mesorregião Centro-Sul**

Índice de Terciarização Ajustado das maiores cidades das Microrregiões que compõem a Mesorregião Centro-Sul	
<b>Cidade</b>	<b>PIB<sub>c</sub> (%)</b>
Vitória da Conquista	0,75
Boquira	0,05
Brumado	0,24
Guanambi	0,33
Itapetinga	0,26
Jequié	0,62
Livramento de Nossa Senhora	0,13
Seabra	0,15

Fonte: Elaboração do autor com base em dados da SEI (2010)

Observando o parâmetro de Lemos, Diniz, Guerra e Moro (2003, p. 673), onde o  $ITa \leq 0,4$  representa um *baixo índice de terciarização* e um  $ITa \geq 0,4$  para os *índices de terciarização relativamente altos* (cabe ressaltar que todos os segmentos dos serviços são analisados neste índice), e que o  $ITa$  de Vitória da Conquista é igual a 0,75, pode-se afirmar que, os municípios de Boquira, Brumado, Guanambi, Itapetinga, Livramento de Nossa Senhora e Seabra apresentam um baixo índice de Terciarização, já o município de Jequié e apresenta índice de terciarização relativamente alto, mas abaixo do resultado apresentado por Vitória da Conquista.

Desta forma, trazendo à tona as teorias acerca dos lugares centrais, onde moradores de cidades de menor desempenho econômico tendem a se deslocar até as cidades que apresentem melhores infraestruturas, com uma particularização em determinado segmento, pode-se afirmar que os habitantes das 6 cidades que apresentam baixo índice de terciarização atenderão suas demandas em municípios que possam ofertar para procura.

Estas cidades (Boquira, Brumado, Guanambi, Itapetinga, Livramento de Nossa Senhora e Seabra) buscarão então em centros mais desenvolvidos, estas demandas não atendidas internamente, que em ênfase nesta pesquisa, são os serviços ofertados por Jequié, e principalmente por Vitória da Conquista, devido ao seu melhor desempenho no resultado do Índice de Terciarização Ajustada.

Concluindo então esta passagem, é correto afirmar que o Índice de Terciarização Ajustada de Vitória da Conquista é mais elevado do que os apresentados pelas 7 maiores cidades que compõem as microrregiões da mesorregião centro-sul baiano.

### **3.3 O setor de serviços de saúde em Vitória da Conquista**

A afirmação de que o setor de serviços compõe uma fatia significativa de importância, dentre os demais segmentos, pode ser observada não apenas com discursos voltados ao senso-comum, ao dizer que o setor de serviços é importante para Vitória da Conquista.

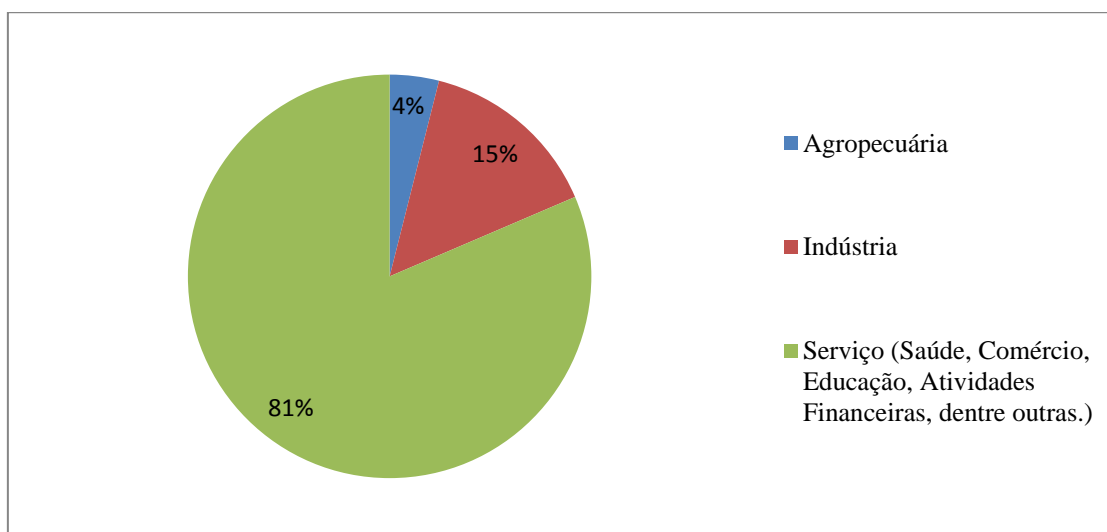
Isto pode ser constatado com o número crescente de lojas no comércio local, e também ao afirmar, como anteriormente, que se percebe a quantidade de escolas, faculdades e demais cursos técnicos e profissionalizantes (educação).

Esta assertiva é reforçada estatisticamente. Dados da SEI (Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia) mostram que, no ano de 2009, Vitória da Conquista como a 5ª cidade em relevância econômica do Estado, levando em sendo considerado o valor agregado do setor terciário na composição do PIB Municipal, além de que este segmento (serviços), apresentaram uma participação no PIB (Produto Interno Bruto), também em 2009, baiano de 63%.

Ainda com base em levantamentos estatísticos que comprovam a relevância de análises neste segmento, observa-se no Gráfico 4 que, em 2009, o setor de serviços correspondeu a 81% na formação do PIB Municipal<sup>8</sup> de Vitória da Conquista, contribuindo assim o setor terciário deste município a 2,88% na geração de valor total do PIB Baiano.

---

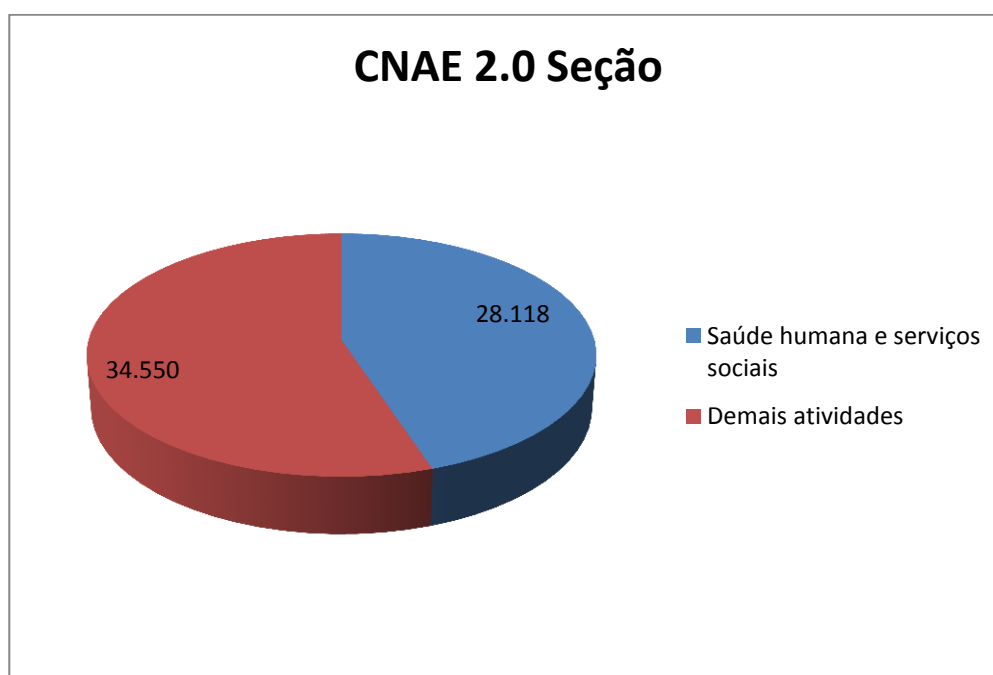
<sup>8</sup> O PIB Nacional (Produto Interno Bruto) é um índice macroeconômico que mensura a soma dos bens e serviços alcançados em um dado período em uma região determinada. Não há a possibilidade de se avaliar um PIB Municipal com exatidão por que as variáveis analisadas não são empiricamente satisfatórias, pela falta do controle municipal, ou não observância destas variáveis pelas autoridades ou instituições que a analisam. Por este motivo, quando se coloca o termo 'PIB Municipal', a análise é feita levando-se em consideração estimativas. (IBGE, 2004)

**Gráfico 4 - Composição do PIB municipal em 2009**

Fonte: Elaboração do autor com base em dados da SEI (2009)

Além desta expressiva participação do setor terciário na composição do PIB de Vitória da Conquista, é válido apresentar que, em considerando a CNAE (Classificação Nacional de Atividades Econômicas), com as informações da RAIS-MTE (2011), os empregos formais no segmento de saúde, incluindo seguros, educação voltada à saúde, além da própria prestação dos serviços de saúde, em 2011 correspondiam a 44,86% de toda a população formalmente empregada, conforme o Gráfico 5.

**Gráfico 5 – Classificação Nacional de Atividades Econômicas /  
(Sessão de Atividade Econômica / Resultado em Profissionais)**



Fonte: Elaboração do autor com base em dados da RAIS – MTE (2011)

Reforça-se as informações da RAIS-MTE (2011), que mostram que Vitória da Conquista possuía 62.668 de empregos formais em todos os setores, sendo que destes, 45.154 estão alocados no setor terciário. Destes empregados formais no setor de serviços, 28.118 indivíduos exercem funções nos serviços de saúde.

Com base nestes levantamentos, já se torna visível a importância de se analisar individualmente o setor de serviços, e em específico a prestação dos serviços de saúde, para demonstrar a dinâmica econômica de Vitória da Conquista, e como variável importante a observação e detalhamento deste segmento.

### *3.3.1 Municipalização da Saúde*

É válido também expor um episódio importante para a construção das observações desta pesquisa, que é o fato dos serviços de saúde terem sido municipalizados no ano de 1998.

Com relação à municipalização da saúde, vimos que o Ministério da Saúde adota alguns procedimentos para esta descentralização do SUS (Sistema Único de Saúde), por meio das NOBs (Normas Operacionais Básicas), se observar que:

A NOB 01/96<sup>9</sup> manteve as instâncias de negociação e integração do SUS instalados com a NOB 01/93, isto é, a Comissão Intergestores Tripartite (CIT) e as Comissões Intergestores Bipartite (CIBs), as quais funcionam como fóruns de integração e harmonização de gestores do sistema, de pactuação e programação das atividades de saúde e definição dos tetos financeiros dos sistemas municipais e estaduais.

Essa Norma Operativa ampliou as funções a serem desempenhadas pelos estados, conferindo-lhes a função de criar as condições para o aprofundamento do processo de municipalização de gestão dos sistemas de saúde. Mas, é principalmente no que diz respeito às funções a serem desempenhadas pelos municípios que a NOB 01/96 apresentou inovações. Duas são as modalidades de gestão previstas pela NOB 01/96: 1) Gestão Plena de Atenção Básica; e 2) Gestão Plena do Sistema Municipal. (ARRETCHE; MARQUES, 2002, p. 467)

Resumindo em poucas linhas, a definição da cartilha ‘entendendo o SUS’, afirma que a municipalização é uma:

---

<sup>9</sup> A presente Norma Operacional Básica tem por finalidade primordial promover e consolidar o pleno exercício, por parte do poder público municipal e do Distrito Federal, da função de gestor da atenção à saúde dos seus municípios (Artigo 30, incisos V e VII, e Artigo 32, Parágrafo 1º, da Constituição Federal), com a conseqüente redefinição das responsabilidades dos Estados, do Distrito Federal e da União, avançando na consolidação dos princípios do SUS. (Sítio eletrônico do CNS – Conselho Nacional de Saúde)

Estratégia adotada no Brasil que reconhece o município como principal responsável pela saúde de sua população. Permitiu transferir aos municípios a responsabilidade e os recursos necessários para exercerem a gestão sobre as ações e os serviços de saúde prestados em seu território. (Ministério da Saúde, 2007).

A municipalização dos serviços de saúde nada mais é, segundo o enfoque desta pesquisa, do que a Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista gerir os recursos da saúde, executando tais serviços a através da Secretaria Municipal de Saúde. Esta particularidade será útil quando da análise dos gastos públicos na saúde no município em destaque, assim como os demais desdobramentos que recaem sobre este ponto de gastos com tal segmento.

### 3.4 Análise dos dados a partir do Quociente Locacional

As considerações acerca deste indicador, tal qual as referente ao Índice de Terciarização, terá como objeto de análise as 8 maiores cidades que compõem as microrregiões da mesorregião centro-sul da Bahia.

Este índice é calculado para que possa se caracterizar determinadas economias locais, utilizando destes resultados para a devida referência. Lima e Simões (2010, p. 45) expõem que este índice:

[...] compara a participação relativa de uma microrregião no emprego em determinado setor em relação à participação relativa dessa microrregião no total do emprego da economia de referência (no caso a região Nordeste), permitindo assim a identificação da base regional e o potencial de exportação dos setores nas respectivas microrregiões.

Para esta compreensão, também vemos que em Simões, 2005 apud Lima e Simões (2010, p. 45) que “se a  $QL_{ij} > 4$  há especialização produtiva”, e “se  $1 \leq QL_{ij} \leq 4$  há indícios de especialização; se  $QL_{ij} < 1$ , não há especialização”.

Sendo correto afirmar que o **QL**, ou o **QL<sub>ij</sub>** segundo os autores citados corresponde, simplificadaamente, a análise do setor terciário a: divisão do emprego de serviços em uma determinada região referência (**E<sub>ij</sub>**) pelo emprego de serviços na outra região analisada (**E<sub>oj</sub>**), tendo este valor dividido pela população empregada na primeira região (**E<sub>io</sub>**) dividido pela população empregada na segunda região analisada (**E<sub>oo</sub>**), ou:

$$QL \text{ (ou } QL_{ij}) = (E_{ij} / E_{oj}) / (E_{io} / E_{oo})$$

Desta forma, sendo explicitadas tais considerações, a análise poderá ser feita após os seguintes levantamentos, na Tabela 8, tendo estes índices como referência os resultados totais apurados em todo o Estado da Bahia:

**Tabela 8 – QL do Setor de Serviços / Mesorregião Centro-Sul**

Quociente Locacional do setor de serviços das maiores cidades das Microrregiões que compõem a Mesorregião Centro-Sul	
<b>Cidade</b>	<b>QL (%)</b>
Vitória da Conquista	1,07
Boquira	1,28
Brumado	0,55
Guanambi	1,01
Itapetinga	0,39
Jequié	0,61
Livramento de Nossa Senhora	0,99
Seabra	1,24

Fonte: Elaboração do autor com base em dados da RAIS-MTE (2011)

Partindo para as constatações após apresentado o quadro acima se confirma que nenhum dos municípios apresentados apresenta especialização no setor terciário, pois nenhum apresentou a  $QL > 4$ .

Os levantamentos acima, apresentam que 4 municípios (Brumado, Itapetinga, Jequié e Livramento de Nossa Senhora) possuem  $QL < 1$ , que afirma a não há especialização no setor terciário, segundo o método do Quociente Locacional.

Por outro lado, outros 4 municípios (Vitória da Conquista, Boquira, Guanambi e Seabra) apresentam os seus resultados com  $1 \leq QL \leq 4$ , havendo então indícios de especialização no setor terciário.

Levando-se em consideração a metodologia do Quociente Locacional, e analisando Vitória da Conquista com toda a mesorregião centro-sul baiana como referência, é apurado o valor de  $QL = 1,01$ , ou seja, o resultado mostra que existe indícios de especialização, se comparado este município com a mesorregião.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciando as considerações finais sobre as teorias e levantamentos apresentados no transcorrer do trabalho, é válido reafirmar que a pesquisa teve por objetivo explicitar a relevância do setor terciário para a economia de Vitória da Conquista, a participação dos serviços de saúde neste contexto, e a afetação da demanda deste segmento as maiores cidades das microrregiões que compõem a mesorregião Centro Sul da Bahia.

Para isto, o campo teórico que mais se aproxima ao levantamento proposto pelo trabalho são os referentes aos lugares centrais, pelo fato do mesmo exercer influência, criando assim uma hierarquia entre estes lugares ou regiões centrais e os municípios e regiões limítrofes fronteiriços.

Sobre as teorias apresentadas quanto ao crescimento e desenvolvimento econômico, em que as áreas de mercado poderiam ocorrer em regiões que possuíssem em abundância algum depósito mineral ou então alguma especialização da força de trabalho, observamos que esta área de mercado pode então ser formada através da especialização na prestação do serviço, como levantado no transcorrer desta pesquisa.

Recaindo ainda às teorias dos lugares centrais, constata-se nos levantamentos teóricos que uma área de trabalho poderia ser polarizada por um centro urbano, ou neste caso, um lugar central, que possua maior população e uma densidade maior na oferta de serviços, formando assim um centro de consumo coletivo.

Permite-se então apresentar que os maiores municípios das microrregiões que compõem a mesorregião centro-sul da Bahia, se tornam ‘polarizados’ pela oferta de serviços e centralidade de Vitória da Conquista, dentre outros fatores que podem afirmar tal relação podem ser mencionados os gastos de transporte entre estes municípios e Vitória da Conquista que permitam tal relação.

Algumas constatações apresentadas no transcorrer deste trabalho utilizam o termo ‘polarização’ e o levantamento sobre os pólos de crescimento, sendo que a formação destes citados ocasiona na ocorrência de um último estágio de desenvolvimento regional uma região que se especializa em atividades terciárias.

Ao ser apresentado a metodologia sobre o Quociente Locacional, é demonstrada que, nenhum dos municípios analisados na presente pesquisa, incluindo Vitória da Conquista, apresenta especialização no setor terciário. Sendo assim os resultados das análises, apresentam apenas indícios de especialização no setor terciário, e não uma especialização.

Vale ressaltar que para os autores levantados, só ocorreriam os pólo de crescimento, com a especialização em determinado segmento, ou no caso desta pesquisa, com base nas atividades terciárias.

Esta afirmação também se mantém se for analisado Vitória da Conquista com todos os municípios da mesorregião centro-sul da Bahia, mantendo-se com indícios de especialização no setor terciário. Ou seja, o município em destaque na pesquisa, não apresenta em seus resultados de Quociente Locacional uma especialização, mesmo se analisado seu desempenho frente a toda mesorregião em que está inserida.

Após tais levantamentos, e levando em consideração as conceituações apresentadas sobre o setor terciário, os serviços são descritos como indutores do processo de crescimento, além de que a demanda pelos serviços de saúde pode ser analisada pela própria utilização dos serviços de saúde.

Sobre isto, a utilização destes serviços prestados pelo SUS, em Vitória da Conquista, teve uma crescente entre os anos de 1998, 2000 e 2010, mostrando que houve sim um aumento da utilização, portanto da demanda destes serviços de saúde.

A relevância dos serviços de saúde para Vitória da Conquista, e em sua relação com os demais municípios analisados, também podem ser confirmados devido ao fato de Vitória da Conquista possuir mais que o dobro de estabelecimentos de saúde do que Jequié, sendo este que este município apresenta os segundos melhores indicadores dentre os municípios estudados, ficando atrás apenas de Vitória da Conquista.

Além disto, apenas o setor terciário em Vitória da Conquista, empregava formalmente em 2011, 45.145 profissionais, sendo que destes, 28.118 estavam alocados em atividades diretamente associadas aos serviços de saúde, desde a venda de planos de saúde à profissionais que atuam em procedimentos de alta complexidade.

O método de cálculo do Índice de Terciarização Ajustado, e os resultados levantados dos maiores municípios das microrregiões que compõem a mesorregião centro-sul da Bahia, mostram que Vitória da Conquista, apresenta um **ITa** superior aos demais municípios analisados.

Evidencia-se então a relevância do setor terciário nas relações hierárquicas com as demais microrregiões analisadas.

Em suma, após todos os levantamentos apresentados, torna-se incorreto afirmar que Vitória da Conquista é um polo do setor de serviços, independentemente de qual for o seu segmento, quer seja dos setores primários ou secundários.

Torna-se então possível apenas afirmar que Vitória da Conquista exerce influência às cidades e microrregiões fronteiriças e limítrofes (lugar central), além da relevância do setor terciário para o próprio município.

Cabe afirmar também que esta relevância, principalmente no contexto local (do próprio município), sendo que pode ser reforçado tal pensamento com os dados que apontam que, o setor terciário é o que mais emprega formalmente em Vitória da Conquista (MTE, 2011), com 45.154 indivíduos (seguidos por 16.046 empregados formais no setor secundário e 1.468 empregados formais no setor primário), em considerando todas as classificações associadas a prestação dos serviços de saúde, o total de empregados formais do setor de saúde representam 44,86% de todos os trabalhadores formais do setor terciário.

## REFERÊNCIAS

ABNT, ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS E TÉCNICAS. **Informação e documentação – Referências – Elaboração**: NBR 6023. Rio de Janeiro, 2002.

ABNT, ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS E TÉCNICAS. **Informação e documentação – Citações em documentos - Apresentação**. NBR 10520. Rio de Janeiro, 2002.

ABNT, ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS E TÉCNICAS. **Informação e documentação – Trabalhos Acadêmicos – Apresentação**. NBR 14724. Rio de Janeiro, 2011.

AGUIAR, Edinalva Padre (Org.). **Política: O poder em disputa**. Vitória da Conquista e Região. Série Memória Conquistense – Volume 4. Vitória da Conquista: Ed. UESB, 1999.

ALMEIDA, Paulo Henrique de. Produtividade e improdutividade dos serviços na história do pensamento econômico. **Bahia Análise & Dados**, Salvador, SEI, v. 6, n. 4, p. 5-19. mar./1997.

ANDRADE, Mônica Veigas; DOMINGUES, Edson Paulo; PEROBELLI, Fernando Salgueiro; SANTIAGO, Flaviane Sousa; CABRAL, Joilson de Assis; RODIGUES, Lucas Barbosa. **Análise da estrutura do setor de saúde e sua inserção na economia brasileira utilizando as matrizes de insumo-produto de 2000 e 2005**. Disponível em: <http://web.cedeplar.ufmg.br/cedeplar/site/pesquisas/td/TD%20424.pdf>. Belo Horizonte: CEDEPLAR/FACE/UFMG, 2011.

ARRETCHE, Marta; MARQUES, Eduardo. Municipalização da saúde no Brasil: diferenças regionais, poder do voto e estratégias de governo. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 7, n.3, 2002.

BRUE, Stanley L. **História do Pensamento Econômico**. São Paulo: Ed. Thomson, 2ª edição, 2005.

CLARK, Colin. **The conditions of Economic Progress**. London: Macmillian Co., 3ª edição, 1957.

CNS, CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE – MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Norma Operacional Básica do Sistema Único de Saúde – SUS**, Brasília. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/legislacao/nobsus96.htm>>. Acesso em: 10 jul. 2013.

CROCO, Marco; RUIZ, Ricardo Machado; CAVALCANTE, Anderson. **Redes e polarização urbana e financeira: Uma exploração inicial para o Brasil**. Texto para discussão Nº 328. Disponível em: <http://web.cedeplar.ufmg.br/cedeplar/site/pesquisas/td/TD%20328.pdf>. Belo Horizonte: CEDEPLAR/FACE/UFMG, 2008.

DA MOTTA, Glaucia Possas; PEROBELLI, Fernando Salgueiro; BASTOS, Suzana Quinet de Andrade. Determinantes da Localização de Serviços de Saúde: Uma abordagem Econométrica-Espacial para os Municípios Brasileiros. In: Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos, 9., 2011, Natal. **Anais...** Natal: ENABER, 2011. p. 6.

DA MOTTA, Glaucia Possas. **Avaliação do padrão de consumo de bens e serviços de saúde:** Uma abordagem de equilíbrio geral computável para a economia brasileira. Disponível em: <http://www.ufjf.br/poseconomia/files/2012/05/Disserta%C3%A7%C3%A3o-Glaucia-Possas-da-Motta1.pdf>. Juiz de Fora: UFJF, 2011.

DE NEGRI, João Alberto; KUBOTA, Luis Claudio (Org). **Estrutura e Dinâmica do Setor de Serviços no Brasil.** Brasília: IPEA, 2006.

FITZSIMMONS, James A; FITZSIMMONS, Mona A. **Administração de Serviços – operações, estratégia e tecnologia da informação.** São Paulo: 3ª ed. Ed. Bookman, 2004

FONSÊCA, Humberto José (Org.). **História e Cotidiano no Planalto da Conquista.** Série Memória Conquistense – Volume 3. Vitória da Conquista: Ed. UESB, 1998.

HIRSCHMAN, Albert O. Transmissão inter-regional e internacional do crescimento econômico. In: SCHWARTZMAN, Jacques (Org.). **Economia Regional – Textos Escolhidos.** Belo Horizonte: Tupynambá, 1977.

HUNT, E. K; **História do Pensamento Econômico.** Uma perspectiva crítica. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 2005.

IBGE, INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Área Territorial Brasileira,** Brasília. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/cartografia/default\\_territ\\_area.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/cartografia/default_territ_area.shtm)>. Acesso em 11 jul. 2013.

IBGE, INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **IBGE Cidades – Dados Básicos,** Brasília. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=293330&search=bahia/vitoria-da-conquista>>. Acesso em: 10 jul. 2013.

IBGE, INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **O que é o censo?,** Brasília, Disponível em: <<http://7a12.ibge.gov.br/sobre-o-ibge/o-que-e-censo>>. Acesso em: 08 jul. 2013.

IBGE, INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Produto Interno Bruto dos Municípios,** Brasília. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/pibmunicipios/srmpibmunicipios.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2013.

IBGE, INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Região de Influência das Cidades – 2007,** Brasília. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/regic.shtm>> e <

[http://www.mma.gov.br/estruturas/PZEE/\\_arquivos/regic\\_28.pdf](http://www.mma.gov.br/estruturas/PZEE/_arquivos/regic_28.pdf)>. Acesso em 08 jul. 2013.

KEYNES, John Maynard. **Laissez-Faire and Comunism**. New York: New Republic. 1926.

KON, Anita. **Economia de Serviços: Teoria e Evolução no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 2004.

KON, Anita. Atividades terciárias: induzidas ou indutoras do desenvolvimento econômico. **Liberalização econômica e desenvolvimento: modelos, políticas e restrições**, São Paulo, v. 1, p. 180-202, 2003.

KON, Anita. Sobre a economia política do desenvolvimento e a contribuição dos serviços. **Revista de Economia Política**, São Paulo, v. 27, n. 1, jan./mar. 2007.

LEMOS, Mauro Borges; DINIZ, Clelio Campolina; GUERRA, Leonardo Pontes; MORO, Sueli. A Nova Configuração Regional Brasileira e sua Geografia Econômica. **Estudos Econômicos São Paulo**, São Paulo, v. 33, n. 4, p. 665-700, out./dez. 2003.

LIMA, Ana Carolina da Cruz; SIMÕES, Rodrigo Ferreira. Centralidade e emprego na região Nordeste do Brasil no período 1995/2007. **Nova Economia**, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p. 39-83, jan./abr. 2010.

LIMA, Ana Carolina da Cruz; SIMÕES, Rodrigo Ferreira. **Teorias do desenvolvimento regional e suas implicações de política econômica no pós-guerra: O caso do Brasil**. Texto para discussão Nº 358. Disponível em: <http://web.cedeplar.ufmg.br/cedeplar/site/pesquisas/td/TD%20358.pdf>. Belo Horizonte: CEDEPLAR/FACE/UFMG, 2009.

MARX, Karl. **O Capital** – Livro 4 – Teorias da mais valia. Vol., 01. São Paulo: Ed. Bertrand Brasil, 1987.

MASHALL, Alfred. **Princípios de Economia**. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 1996.

MATTOS, Laura Valadão de. As razões do laissez-faire: uma análise do ataque ao mercantilismo e a defesa da liberdade econômica na Riqueza das Nações. **Revista de Economia Política**, São Paulo, v. 27, n. 1, jan./mar. 2007.

MEIRELLES, Dimária Silva e. O conceito de serviço. **Revista de Economia Política**, São Paulo, v. 26, n. 1, jan./mar. 2006

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Entendendo o SUS**, Brasília. Disponível em: <[http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/cartilha\\_entendendo\\_o\\_sus\\_2007.pdf](http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/cartilha_entendendo_o_sus_2007.pdf)>. Acesso: em 09 jul. 2013.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. **CAGED** – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados – Dados, Brasília. Disponível em: <[http://bi.mte.gov.br/bgcaged/caged\\_isper/index.php](http://bi.mte.gov.br/bgcaged/caged_isper/index.php)>. Acesso em: 11 jul. 2013.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. **RAIS** - Relação Anual de Informações

Sociais – Dados, Brasília. Disponível em: <  
<http://bi.mte.gov.br/scripts10/dardoweb.cgi>>. Acesso em: 11 jul. 2013.

MYRDAL, Gunnar. **Economic Theory and Underdeveloped Regions**. London: University Paperbacks, 1957.

NOGUEIRA, Marly; GARCIA, Ricardo Alexandrino. A inserção das cidades médias na rede urbana brasileira. **Terra Plura**, Ponta Grossa, v. 1, n. 2, ago./dez. 2007.

NORTH, Douglass C. Teoria da localização e crescimento econômico regional. *In*: SCHWARTZMAN, Jacques (Org.). **Economia Regional** – Textos Escolhidos. Belo Horizonte: Tupynambá, 1977.

PAELINCK, J. A teoria do desenvolvimento regional polarizado. *In*: SCHWARTZMAN, Jacques (Org.). **Economia Regional** – Textos Escolhidos. Belo Horizonte: Tupynambá, 1977.

PARAISO, Daniela Goes. **A demanda por serviços privados de saúde: Uma análise por episódios para o caso Sabesprev**. Disponível em:  
[http://web.cedeplar.ufmg.br/cedeplar/site/economia/dissertacoes/2005/Daniela\\_Goes.pdf](http://web.cedeplar.ufmg.br/cedeplar/site/economia/dissertacoes/2005/Daniela_Goes.pdf). Belo Horizonte: CEDEPLAR/FACE/UFMG, 2005.

PERROUX, F. O conceito de pólo de crescimento. *In*: SCHWARTZMAN, Jacques (Org.). **Economia Regional** – Textos Escolhidos. Belo Horizonte: Tupynambá, 1977.

SANDRONI, Paulo. **Dicionário de Economia do século XXI**. 4ª ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2008.

SCHUMPETER, Joseph Alois. **Teoria do Desenvolvimento Econômico**. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

SEI, SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA. **Municípios em Síntese**, Salvador. Disponível em:  
 <<http://www.sei.ba.gov.br/munsintese/index.wsp?tmp.cbmun.mun=2933307>>. Acesso em: 09 jul. 2013.

SEI, SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA. **PIB Municipal – Tabelas**, Salvador. Disponível em: <  
[http://www.sei.ba.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=537&Itemid=283](http://www.sei.ba.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=537&Itemid=283)>. Acesso em: 09 jul. 2013.

SEI, SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA. **Produto Interno Bruto dos Municípios – Bahia: 2008-2009**, Salvador. Disponível em: <  
[http://www.sei.ba.gov.br/images/pib/pdf/municipal/boletim\\_tecnico/boletim\\_PIB\\_municipal\\_2009.pdf](http://www.sei.ba.gov.br/images/pib/pdf/municipal/boletim_tecnico/boletim_PIB_municipal_2009.pdf)>. Acesso em: 08 jul. 2013.

TIEBOUT, Charles M. As exportações e o crescimento econômico regional. *In*: SCHWARTZMAN, Jacques (Org.). **Economia Regional** – Textos Escolhidos. Belo Horizonte: Tupynambá, 1977.

WIKIPEDIA, Mapa da Região Mesorregião Centro-Sul Baiano. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Baia\\_Meso\\_CentroSulBaiano.svg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Baia_Meso_CentroSulBaiano.svg)>. Acesso em 08 ago. 2013.